

**MEDIAÇÃO CULTURAL  
AFETIVA:  
ARTE, EDUCAÇÃO E A  
CONSTRUÇÃO DO  
OLHAR**

**ALINE DELAVECHIA RODRIGUES**

**ALINE DELAVECHIA RODRIGUES**

**MEDIAÇÃO CULTURAL AFETIVA:  
ARTE, EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA**

**2022**

**ALINE DELAVECHIA RODRIGUES**

**MEDIAÇÃO CULTURAL AFETIVA:  
ARTE, EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 29 de novembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus – Doutor em Educação - (UFRGS) - Orientador

Prof.<sup>a</sup> Amalhene Baesso Reddig – Mestre em Educação (UNESC)

Prof.<sup>a</sup> Daniele Cristina Zacarão Pereira – Mestre em Artes Visuais (UDESC)

Dedico este trabalho a todas as mediadoras e mediadores culturais, que buscam diariamente exercer suas funções com afetividade.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a força interior que desenvolvi nesses últimos anos uma vez que durante a trajetória na graduação de Artes Visuais Licenciatura, diversas pedras apareceram no meu caminho, as mais difíceis que já conheci. Perdas familiares e o encontro com o luto! Mesmo assim, me mantive em pé, nem sempre firme, às vezes amparada por familiares, amigos, professores e até mesmo, pelas crianças que recebi no Museu da Infância, sem nem saberem o bem que estavam proporcionando.

A minha mãe e irmã, agradeço por incentivarem meus estudos. A colaboração de vocês foi essencial para que alcançasse meus objetivos. Vocês auxiliaram nas mais diversas tarefas, e muitas vezes me esperaram com o café pronto.

Ao meu pai e irmã (in memoriam), que não estão mais conosco no plano físico, sou grata por instigar minha persistência a buscar meus objetivos, pois “as coisas não caem do céu”. E sem planejarem, me fizeram perceber que a vida é tão curta, e por isso, devemos aproveitar cada instante com o que e quem amamos.

Ao meu namorado, sou grata por sempre ficar ao meu lado proporcionando momentos de descontração e encorajamento, essenciais para que me acalmasse.

Às minhas colegas de trabalho e coordenadora do Museu da Infância e do Setor Arte e Cultura, que muitas vezes escutaram minhas queixas e dúvidas, e prontamente se colocaram à disposição para me ajudar no que era necessário e tornar meus dias mais tranquilos, muito obrigada!

Aos meus professores e professoras, agradeço por cada ensinamento e troca de experiência na qual tive o prazer de escutar, vocês fazem parte dessa trajetória que apenas iniciou.

Ao meu orientador, uma pessoa calma, sensível e com tanta energia positiva emanando, no qual guiou e clareou minha mente. Gratidão!

“Somente o sujeito da experiência está,  
portanto, aberto à sua própria transformação.”

Larrosa Bondía (2002)

## RESUMO

A presente pesquisa se insere na linha de “Educação e Arte” do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, e tem como escolha metodológica o grupo focal. Com propósito de investigar e levantar dados sobre a constituição do campo epistemológico da mediação cultural e a possível agregação do termo “afetivo”, o grupo focal foi constituído por mediadoras e mediadores culturais dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Objetiva investigar as possíveis relações entre os espaços de cultura, arte e a atuação do mediador cultural na formação do sujeito sensível e crítico. Propõe como problema, explorar de que modo a mediação cultural nos espaços de Arte e Cultura podem contribuir na formação de sujeitos críticos e sensíveis? À luz de autores como: Bondía (2002), Camnitzer (2016), Ferraz e Fusari (2009), Goldenberg (2004), Loponte (2010), Martins (2014), Martins (2018), Martins e Picosque (2012), Martins (1993), Mörsh (2016), Santana (2009) e Tozoni-Reis (2007), dentre outros, estabeleço aprofundamento teórico que fundamentam os conceitos centrais da pesquisa. Foram explorados meios e discursos de mediação, capazes ou não de proporcionar experiências estéticas ao público que frequenta estas instituições, além de pontos importantes para serem refletidos anteriormente a realização de visitas mediadas em espaços de arte e cultura. Nessa perspectiva, a abordagem de pesquisa proporcionou a investigação de diferentes experiências e vivências, de mediadores e mediadoras que atuam em diferentes espaços artístico-culturais, no qual colaboram para a construção dos olhares de sujeitos críticos e sensíveis no campo da educação e da arte.

**Palavras-chave:** Experiência. Mediação Cultural. Arte. Educação. Ação Educativa.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Tatiana Blass. <i>Penélope</i> , Capela do Morumbi, São Paulo, 2011.....	13
Imagem 2 – Vista geral da 31ª Bienal de São Paulo, 2014. ....	14
Imagem 3 – Éder Oliveira. <i>Sem título</i> , na 31ª Bienal de São Paulo, 2014.....	16
Imagem 4 – Thiago Martins de Melo. <i>Martírio</i> , na 31ª Bienal de São Paulo, 2014....	16
Imagem 5 – Bik Van der Pol, <i>'Turning a Blind Eye'</i> (Olhar para não ver), na 31ª Bienal de São Paulo, 2014. ....	16
Imagem 6 – Coletivo Mujeres Creando. <i>Espaço Para Abortar</i> , na 31ª Bienal de São Paulo, 2014. ....	17
Imagem 7 – Museu da Infância Unesc. ....	20
Imagem 8 – Aline Delavechia Rodrigues realizando mediação cultural no MI.....	39
Imagem 9 – <i>"Hard Water"</i> , videoperformance por Tatiana Blass. ....	40
Imagem 10 – Variações da obra de Luis Camnitzer, <i>"O Museu é Uma Escola. O artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões"</i> . ....	45
Imagem 11 – Nuvem de palavras desenvolvido no grupo focal, 2022. ....	52
Imagem 12 – Nuvem de palavras desenvolvido no grupo focal, 2022. ....	54
Imagem 13 – Mapa mental desenvolvido para a disciplina de Ateliê de Interlocuções Poéticas, 2018.....	57
Imagem 14 – Mapa mental da participante Kamila, 2022. ....	59
Imagem 15 – Mapa Mental da participante Cândida, 2022. ....	60
Imagem 16 – Mapa mental da participante Gabriela, 2022. ....	62
Imagem 17 – Mapa mental da participante Quetlin, 2022. ....	62
Imagem 18 – Mapa mental da participante Sandra, 2022.....	64
Imagem 19 – Mapa mental da participante Nadia, 2022. ....	66

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participantes do grupo focal.....	50
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MI	Museu da Infância
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
MinC	Ministério da Cultura
CLT	Consolidação Das Leis Do Trabalho
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

## SUMÁRIO

<b>1 COLEÇÕES DE MEMÓRIAS AFETIVAS.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>22</b>
<b>2 ARTE E EDUCAÇÃO: MEDIAÇÃO CULTURAL E AÇÃO EDUCATIVA.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 OLHAR/CORPO SINGULAR.....</b>	<b>32</b>
<b>3 A DIMENSÃO ESTÉTICA E A EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 A EXPERIÊNCIA: APROXIMAÇÕES COM JORGE LARROSA BONDÍA.....</b>	<b>42</b>
<b>4 GRUPO FOCAL: MEDIADORES EM DIÁLOGO E REFLEXÃO EDUCATIVA.....</b>	<b>49</b>
<b>5 PROJETO DE CURSO – MEDIAÇÃO CULTURAL: INTER-RELAÇÕES ENTRE ARTE, CULTURA E PÚBLICO.....</b>	<b>68</b>
<b>6 O INÍCIO, O FIM E O MEIO .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>78</b>





## NOTA AO LEITOR

As imagens da capa e as que antecedem o início deste capítulo, são registros fotográficos que fazem parte da coleção de memórias afetivas e de produções artísticas da pesquisadora. Ao longo do texto, estão dispostos diferentes registros de detalhes da obra "Metamorfoses incompletas de uma artista entomóloga, produzido em 2018 pela pesquisadora.

*“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”*

*(LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21)*

Durante a nossa vida passamos por diversas experiências, as quais nos mobilizam, nos motivam e nos inquietam. Ao mesmo tempo, muitas coisas passam despercebidas sem nos afetar diretamente, porém, algumas delas nos tocam. É com o pensamento de Larrosa Bondía (2002) que inicio a trajetória da escrita, do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que move e afeta meus pensamentos de professora em formação e bacharela em Artes Visuais. Sendo assim, penso que é necessário relembrar e descrever o que acredito ser o ponto de partida dessa coleção de memórias afetivas.

Meus pensamentos sobre mediação cultural e seus desdobramentos como problema de pesquisa surgiram a pouco tempo, mas meu envolvimento foi traçado por caminhos já conhecidos e percorridos por mim, diretamente e indiretamente há algum tempo, quando iniciei minha primeira graduação em Artes Visuais Bacharelado no ano de 2014<sup>1</sup>. Em algum momento desse período conheci a palavra mediador, que até então não fazia parte do meu vocabulário, mas a função já era conhecida por participar de visitas guiadas em exposições.

De forma indireta, meu envolvimento iniciou quando ingressei na primeira graduação e tenho clareza sobre o interesse pelo campo de mediação cultural somente agora, pois na época nem imaginava. Foi dentro da universidade que me envolvi nos espaços de arte e cultura, visitando exposições e participando das viagens de ampliação de repertório do Curso de Artes Visuais nas Bienais. Minha relação com a arte foi sendo ampliada, desconstruída e reconstruída a cada nova experiência obtida nas visitas às exposições, galerias e nas próprias bienais. O contato com artistas contemporâneos e suas produções foi de fundamental relevância para a construção do repertório pessoal, profissional, como artista já formada e também como professora em formação.

---

<sup>1</sup> Conclui a Graduação em Artes Visuais Bacharelado no ano de 2018 na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Para acessar a pesquisa completa, consulte: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/6457>. Acesso em: 5 dez. 2022. Ao concluir o Curso de Bacharelado, reingressei no Curso de Artes Visuais Licenciatura (2020), também na mesma universidade, com previsão de término no ano de (2022).

A Arte que aprendi no ensino fundamental e médio foi aos poucos sendo desconstruída, e por meio de experiências com a Arte Contemporânea, fui transformando meu olhar. Aos meus olhos, uma obra de arte deveria ser completamente compreendida, explicada, traduzida, lida, com pouco espaço para a imaginação, para reflexão e problematização do contexto ético, político e estético a qual artista e produção estão envolvidos, conforme destacado na Imagem 01, produção e processo.



Imagem 1 – Tatiana Blass. *Penélope*, Capela do Morumbi, São Paulo, 2011. Tapete, tear e fios de lã e chenille - Dimensões variáveis.  
Fonte: [www.tatianablass.com.br](http://www.tatianablass.com.br)

No mesmo ano que ingressei no Curso de Artes Visuais Bacharelado, a coordenação do curso organizou uma viagem para a cidade de São Paulo, onde visitamos a 31ª Bienal de São Paulo<sup>2</sup> intitulada, “*Como (...) coisas que não existem.*” Essa visita foi a primeira experiência que tive em uma Bienal e também o primeiro contato com Arte Contemporânea. Esse acontecimento ficou marcado em minha coleção de memórias afetivas, tornando-se uma experiência singular na minha vida pessoal, artística e profissional por aquilo que costumo identificar como **quatro bons motivos.**<sup>3</sup>

O primeiro deles refere-se ao espaço/território. Um grande pavilhão abraçado pelo Parque do Ibirapuera em São Paulo. Aquele lugar imenso maravilhou meus olhos

<sup>2</sup> Para saber mais, consulte: <http://www.bienal.org.br/exposicoes/31bienal>. Acesso em: 20 ago. 2022.

<sup>3</sup> Grifo meu. Ao longo do texto o leitor encontrará termos em destaque. Faço essa opção para evidenciar expressões, pensamentos e ideias que contribuem na centralidade da pesquisa.

e encantou meu coração, pois foi a primeira vez que entrei em um espaço de arte e cultura de grandes proporções, e nesse caso me refiro ao espaço físico.

No interior do pavilhão (Imagem 2), responsável por abrigar a 31ª Bienal de São Paulo, observamos que entre os andares não há paredes, isso possibilita olhar para os outros andares, para o saguão e a entrada principal. As formas dos parapeitos são disformes, as rampas de acesso em espirais e em grande parte, os locais expositivos não dispõem de divisórias, colaborando assim, para um olhar amplo do local e diferente de tudo que já tinha visto anteriormente.



Imagem 2 – Vista geral da 31ª Bienal de São Paulo, 2014.

Fonte: [www.bienal.org.br](http://www.bienal.org.br)

O segundo, foi a experiência de ter contato físico com todas àquelas produções artísticas, de artistas até então, desconhecidos por mim, o que proporcionou a ampliação de repertório artístico e cultural, compreendendo que no mundo existem muitas possibilidades, modos de vida e formas de pensar, presentes nas produções em exposição, das quais não imaginava. Lá encontrei artistas que pouco habitam os livros didáticos de arte, que são difíceis de encontrar quando realizamos uma pesquisa na internet. Artistas como, Éder Oliveira<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Para saber mais, acesse: <http://www.ederoliveira.net/home#0>. Acesso em: 30 ago. 2022.

(Imagem 3), Thiago Martins de Melo<sup>5</sup> (Imagem 4), Bik Van der Pol<sup>6</sup> (Imagem 5), o Coletivo *Mujeres Creando*<sup>7</sup> (Imagem 6), entre outros, dos quais tive a oportunidade de conhecer na bienal, só aparecem nas buscas virtuais quando digitamos o nome completo e isso não os tornam menos importantes, pelo contrário, demonstram que o ensino deve ser baseado na história da arte, mas também na sua contemporaneidade, conectando os estudantes ao tempo presente, e também a uma produção artística que abra espaço para a presença de artistas negros/as, indígenas. É importante nos questionar enquanto professores de Artes<sup>8</sup> em formação permanente: por que os livros didáticos de artes ou linguagens, contemplam um determinado padrão de artistas e imagens? Padrões estes normalmente vinculados a uma produção eurocêntrica, branca, canônica e que evidencia uma concepção de arte mais voltada a ideia de beleza, elementos formais (figura, cor, fundo, linhas, técnicas).

O terceiro motivo foi o encontro com a Arte Contemporânea. Como mencionado anteriormente, o contato oportunizado durante o ensino fundamental e médio seguiam os padrões dos livros didáticos. Restringindo a ampliação de repertório artístico e cultural, e distanciando os estudantes das suas realidades e contextos, podendo ser considerada como uma “arte” consoladora e confortável. Nem sempre as produções artísticas são confortáveis esteticamente, algumas delas nos perturbam e nos fazem pensar sobre assuntos considerados “desconfortáveis” (LOPONTE, 2010). O desconforto pode ser colaborativo, como por exemplo, a fome no país, que comove pessoas que não vivem essa realidade e ao mesmo tempo subjetiva, pois pode desencadear memórias traumáticas. As relações entre arte e vida possuem potencial para traçar reflexões no sujeito observador, conectando os contextos políticos, éticos e estéticos.

O quarto e último motivo de destaque, entre outros tantos que poderia haver, da visita a Bienal foi a minha primeira participação como ouvinte de uma mediação cultural. A mediação possibilitou a fruição estética de produções artísticas a partir de outros prismas, dentre eles os biográficos, históricos, os referenciais artísticos presentes na produção do/a artista, o conceito curatorial e expográfico e a própria proposta educativa construída para guiar a narrativa da mediação cultural.

---

<sup>5</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

<sup>6</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.bikvanderpol.net/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

<sup>7</sup> Para saber mais, acesse: <http://mujerescreando.org/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

<sup>8</sup> A título de auxiliar o leitor, destaco que ao longo do texto o termo Artes será utilizado quando me referir ao componente curricular (disciplina). Já o termo artes designará o campo/área do conhecimento.

Imagem 3 – Éder Oliveira. *Sem título*. Site-specific, na 31ª Bienal de São Paulo, 2014.  
Fonte: [www.premiopipa.com](http://www.premiopipa.com)



Imagem 4 – Thiago Martins de Melo. *Martírio*, na 31ª Bienal de São Paulo, 2014. Pneu de trator, motosserra, granito, bronze, ferro, poliuretano, óleo e acrílica, sobre tela, dimensões variáveis.  
Fonte: [www.revistacontinente.com.br](http://www.revistacontinente.com.br)

Imagem 5 – Bik Van der Pol, *'Turning a Blind Eye'* (Olhar para não ver), na 31ª Bienal de São Paulo, 2014.  
Fonte: [www.bienal.org.br](http://www.bienal.org.br)





Imagem 6 – Coletivo Mujeres Creando. *Espaço Para Abortar*, na 31ª Bienal de São Paulo, 2014.  
Fonte: [www.bienal.org.br](http://www.bienal.org.br)

Lembro que já na recepção de nosso grupo pelos mediadores designados a nós, a mediadora solicitou que andássemos de olhos fechados na parte externa, no meio do jardim. Não ficou em minha memória as palavras ditas para nos orientar, mas essa ação da mediadora, no meu ponto de vista, proporcionou que o grupo fosse integrado e se sentisse acolhido, o que é importante, pois dessa forma o público se sente à vontade no espaço, especialmente quando estão realizando a primeira visita.

De certo modo, quando ingressei no Curso de Artes Visuais Bacharelado, minha intenção era trabalhar em espaços museais, mas por conta da falta de vagas no mercado de trabalho e as dificuldades profissionais existentes nestes locais, onde na maioria das vezes os cargos e funções ocorrem por indicação e não por processo seletivo, essa ideia acabou esvaecendo. Por conta da pandemia de Covid-19<sup>9</sup>, foi evidenciado a fragilidade das instituições de cultura e arte e os profissionais que nelas trabalham, sendo diretamente prejudicados, demitidos de suas funções para diminuição de quadro de funcionários. Além do mais, a arte e cultura não são consideradas essenciais pelo governo atual do Brasil, fato confirmado com a extinção do Ministério da Cultura (MinC)<sup>10</sup> realizada no primeiro dia de governo de Jair Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019. Os editais de incentivo à cultura são alvos do governo, que tenta extinguir constantemente e por lei são garantidos. Foi por esse motivo que comecei a pensar na profissão docente como um possível, iniciando então, no ano de 2020 a Licenciatura em Artes Visuais.

Durante todo o período em que realizei a primeira graduação continuei morando na cidade em que residia desde a infância, em Sombrio, localizado no extremo Sul Catarinense, aproximadamente a 66 km sul de Criciúma, campus sede da Unesc. Sentia que a distância muitas vezes me impedia de participar de atividades da cena cultural e conhecer pessoas ligadas à arte, já que Criciúma é uma cidade polo, com mais habitantes, possuindo mais espaços de cultura e arte se comparada a cidade de Sombrio, onde residia. Comecei a pensar na possibilidade de morar em Criciúma e assim fiz. Procurei vaga na área e encontrei um estágio remunerado não-obrigatório no Setor de Arte e Cultura da Unesc<sup>11</sup> e uma bolsa de extensão no Museu da Infância.

Nesse momento da minha vida, fui diretamente afetada pelo objetivo dessa pesquisa. Foi quando comecei a trabalhar como mediadora cultural, atendendo os

---

<sup>9</sup> A denominação, Covid, é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados. Informação disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 30 ago. 2022. De acordo com os dados disponibilizados no portal do Ministério da Saúde, até 09 de novembro de 2022, data de conclusão dessa pesquisa, o Brasil soma 688.487 mil mortes de Covid-19.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2022/03/livro-resgata-trajetoria-de-ascensao-e-queda-do-ministerio-da-cultura/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

<sup>11</sup> O Setor de Arte e Cultura está ligado à Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

visitantes, na sua grande maioria crianças, no Museu da Infância (MI) Unesc<sup>12</sup>. O MI foi criado em 2005 para ser um espaço de cultura, com foco na coleta e na pesquisa dos temas: de, sobre e para a infância. Sendo utilizado como fonte de conhecimento para crianças e adultos, particularmente professores e pesquisadores da infância. A equipe do MI é formada por uma coordenadora, um assistente administrativo e no momento, duas bolsistas de extensão, possuindo alta rotatividade entre seus colaboradores, o que dificulta suas ações. Entre 2020-21 o Plano Museológico do Museu foi elaborado e finalizado. Nesse documento constam os programas estabelecidos na Lei 11.904/2009<sup>13</sup>, como fundamentais para a constituição de um Museu, o organograma setorial (Anexo A), contribuiu para evidenciar a importância da contratação de funcionários para atuar no administrativo.

Após alguns meses como bolsista, surgiu uma vaga de assistente administrativo no museu, na qual fui selecionada e passei a ser a primeira pessoa contratada do cargo, porque até então os colaboradores consistiam em estagiários e bolsistas. Dentre as várias funções desenvolvidas do cargo, a mediação é uma delas, no qual já estava realizando como bolsista. Ao longo das mediações fui percebendo o quanto cada uma delas é única. Posso atender grupos da mesma idade, mas cada um tem suas particularidades e é possível que aquele mesmo grupo realize a visita mais do que uma vez durante o ano e em cada momento ter percepções diferentes. Não existe um roteiro fixo, não podemos subestimar o público. Já me surpreendi ao receber um grupo de crianças entre três e quatro anos, no qual, ficaram atentas a mediação, levantando questionamentos e curiosidades.

Até o momento da escrita dessa pesquisa, as vivências que tive com essa faixa etária mostraram que precisava envolver a teoria, mas de forma lúdica, para assim conseguir desenvolver um diálogo /aprofundado.

---

<sup>12</sup> O Museu da Infância fica localizado na UNESC e é vinculado à Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias. Para mais informações, acesse o Plano Museológico. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/museu-da-infancia/plano-museologico>. Acesso em: 25 ago. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 18 ago. 2022.

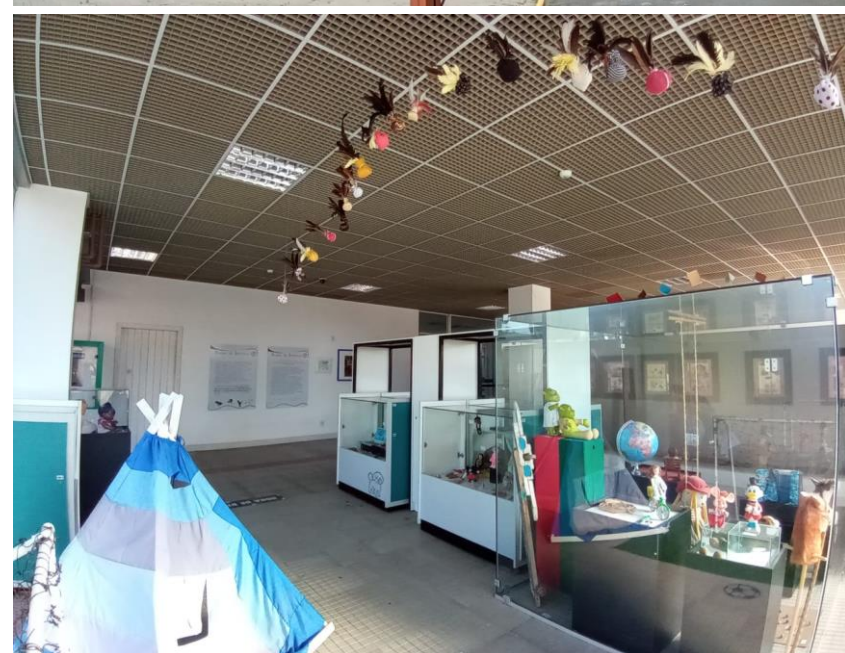


Imagem 7 – Museu da Infância Unesc. Espaço Expositivo 1: Infâncias e Culturas Escolares e o Brinquedo e a Rua, no Bloco da Reitoria/Biblioteca. Espaço Expositivo 2: Infância e Arte e Infância e Paz, no Bloco P.  
Fonte: Museu da Infância Unesc.

Aos poucos as experimentações desenvolveram a sensibilidade do meu olhar e o que antes passava despercebido, agora não passa mais. Mesmo assim, sempre existem transformações, estamos constantemente aprendendo, melhorando, repensando, revisitando e pesquisando. Procuo desenvolver minha função da melhor forma possível, pensando no outro com afeto e compreendo-os como sujeitos únicos, que possuem suas próprias “bagagens”<sup>14</sup>, experiências e modos de vida diferentes, conforme o contexto social, econômico, geográfico, entre outros. No final das mediações, proporcionamos aos visitantes que experienciem algumas brincadeiras e

---

<sup>14</sup> Esclareço ao leitor que a palavra “bagagem” é utilizada no texto como uma metáfora. Quando arrumamos nossas bagagens para realizar uma viagem, escolhemos nossas roupas, calçados e acessórios preferidos, por assim dizer, aqueles que por algum motivo possuímos conexão. Dessa forma, penso que durante nossas vidas somos afetados por vários acontecimentos que ficam em nossas memórias, podendo até serem responsáveis por transformações e isso nos torna únicos. Essas experiências são responsáveis por ser quem somos, não sendo possível desconsiderá-las por completo quando estamos em frente a uma obra/objeto.

brinquedos que observaram durante a visita nas exposições, confeccionados com propósito educativo e denominadas de ações educativas. As ações educativas, são desenvolvidas na maioria dos casos, pelo núcleo educativo dos museus (se estes existirem) e estabelecem relações entre o público e a instituição, podendo usar o próprio acervo como objeto de ação. Atualmente o MI, não possui núcleo educativo, dessa forma as ações educativas são pensadas pela equipe. Assim os visitantes conseguem aproximar as relações e tornar algo imaginativo em físico. Imaginativo, pois mesmo explicando a eles algo que não faz parte do seu cotidiano, sua imaginação é aguçada, mas aquele objeto continua sem sentido. Quando colocado em prática, de forma física, e sua função é alcançada, ou seja, unindo teoria e prática, o objeto deixa de ser somente imaginativo, ele gera experiência.

Dessa maneira surgiu meu envolvimento direto com um espaço de cultura e atuação como mediadora cultural. Estar afetando e sendo afetada desenvolveu inquietações que busco compreender melhor ao longo da pesquisa.

Nos espaços de cultura e arte, a mediação pode ou não contribuir na formação do sujeito, sendo assim, proponho como problema de pesquisa: **de que modo a mediação cultural nos espaços de Arte e Cultura podem contribuir na formação de sujeitos críticos e sensíveis?** Como objetivo geral o trabalho se propõe investigar as possíveis relações entre os espaços de cultura e arte e a atuação do mediador cultural na formação do sujeito sensível e crítico.

Partindo da problemática e do objetivo geral anunciados, destaco como questões norteadoras: é possível relacionar a mediação cultural em exposições de arte com a construção de um olhar crítico e sensível no público visitante? O público que visita exposições de arte e cultura, está vivenciando experiências significativas nas propostas de mediação cultural? Os mediadores são responsáveis por exercícios formadores de olhares sensíveis e críticos? É possível que os olhares sejam formados? Que concepções de arte e educação estão presentes nas propostas de mediação cultural em exposições artísticas?

Em relação aos objetivos específicos busca-se: compreender a relevância do mediador no processo de formação de olhares sensíveis e críticos; discutir as concepções de arte e educação que estão presentes no campo da mediação cultural em instituições de arte e cultura; analisar a noção de mediação cultural e seus possíveis desdobramentos, por meio de grupo focal com mediadores de instituições culturais.

O problema de pesquisa, questões norteadoras e objetivos estão ancorados em um desenho metodológico que dedico à seção que segue.

## 1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

*“[...] quando falo de Metodologia estou falando de um caminho possível para a pesquisa científica. O que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar.”  
(GOLDENBERG, 2004, p. 14)*

Um caminho possível é aquele no qual desejamos alcançar no início da pesquisa, sabendo das possibilidades existentes, mas que no decorrer dela, podem ser alterados. Algo inesperado pode acontecer e mudar o rumo ou os métodos da investigação, no entanto, isso só é possível porque desenhamos um caminho, um lugar de chegada. Dessa forma, compreendo que a linha de pesquisa do Curso de Artes Visuais Licenciatura que este trabalho se integra é “Arte e Educação” uma vez que aborda questões relacionadas à educação, arte, cultura e os possíveis desdobramentos. Caracteriza-se também como uma pesquisa de natureza básica, com abordagem metodológica qualitativa, com intuito de levantar questionamentos de maneira exploratória envolvendo a temática, com base na investigação bibliográfica e de campo. A pesquisa em educação, segundo Reis-Tozoni (2007, p. 11):

Nas ciências humanas e sociais, há muito tempo buscamos superar o paradigma dominante nas ciências exatas e naturais pelos novos referenciais para a interpretação da realidade humana e social. São essas preocupações que temos tratado a pesquisa em educação como uma tarefa filosófica que exige compreender como o ser humano se relaciona com as coisas, com a natureza, com a vida.

Para entender melhor como o ser humano se relaciona com as coisas, com a natureza e com a vida, existem métodos de pesquisa que constituem a ciência. O método, o tema, as questões que norteiam a pesquisa são escolhidos pelo pesquisador, isso evidencia que tanto no modelo quantitativo, quanto no qualitativo, existe subjetividade entre o pesquisador e a pesquisa, de acordo com Goldenberg (2004, p.14):

Anteriormente as ciências se pautavam em um modelo quantitativo de pesquisa, em que a veracidade de um estudo era verificada pela quantidade de entrevistados. Muitos pesquisadores, no entanto, questionam a representatividade e o caráter de objetividade de que a pesquisa quantitativa se revestia. É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas

quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados. Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.

Pensando na potência da experiência para a elaboração da pesquisa de campo, a técnica metodológica escolhida foi a de grupo focal. A metodologia do grupo focal é muito utilizada no campo da pesquisa em ciências sociais e humanas, por ser um instrumento de investigação para levantamento de dados que os outros meios, como observação, entrevista e questionário não são possíveis de captar. A técnica consiste em trocas de experiências em grupos de seis a doze pessoas (GATTI, 2005, p. 22), que possuem em comum o objeto da pesquisa.

Para que as interações aconteçam, existe um moderador, no qual elabora um roteiro com temas/questões que procura pesquisar. Para Gatti (2005, p. 14):

A técnica é muito útil quando se está interessado em compreender as diferenças existentes em perspectivas, ideias, sentimentos, representações, valores e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas, bem como compreender os fatores que os influenciam, as motivações, que subsidiam as opções, os porquês de determinados posicionamentos.

Considerando essas premissas, criou-se um grupo focal constituído por mediadores culturais de espaços de cultura e arte, com propósito de investigação e levantamento de dados, por meio de interações e de suas experiências. Na abordagem do grupo focal foi possível alcançar os objetivos da pesquisa de forma sutil e flexível, com espaço para diálogo sem julgamentos apressados.

O grupo foi composto por sete mediadoras e um mediador cultural, escolhidos e convidados por chamamento direcionado, realizado por ligações telefônicas às instituições escolhidas previamente e que disponibilizam a mediação cultural e que estão localizadas nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em seguida, o convite foi formalizado por e-mail, instruindo o envio de alguns dados de identificação do participante, como, nome, função, instituição de vínculo, telefone e e-mail. O encontro aconteceu de forma *on-line* e foi gravado, com autorização do uso de imagem, voz e escrita (Anexo B) para posteriormente acessar as informações obtidas no encontro, que aconteceram seguindo o roteiro descrito no Anexo C. No capítulo 4, “Grupo Focal: Mediadores Em Diálogo e Reflexão Educativa”, dedico maior

profundidade em relação a escolha metodológica do grupo focal e a sua pertinência a este trabalho.

O roteiro foi fundamental para que eu pudesse ter em mente quais perguntas eram necessárias para obter os resultados esperados, dados esses que foram cuidadosamente externalizados para que os participantes se sentissem à vontade em expor seus dizeres e pensamentos. Os levantamentos desses dados foram essenciais para a pesquisa, uma vez que são pontos de vista e experiências diversas de profissionais atuantes na área de mediação cultural em espaços de cultura e arte no estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As inter-relações estabelecidas no encontro proporcionaram troca de experiências das quais foram além da pesquisa em si, pois os participantes puderam ter contato com outras pessoas da mesma área e que muitas vezes, não se conhecem, não possuem um espaço de diálogo, portanto, contribuindo para que futuramente o grupo continue se conectando e trocando experiências, colaborando com a atuação de cada um no seu cotidiano.

## 1.2 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

As páginas anteriores foram dedicadas a introdução do problema de pesquisa e as escolhas metodológicas percorridas ao longo da feitura da pesquisa.

O capítulo seguinte, “**Arte e Educação: Mediação Cultural e Ação Educativa**”, busca compreender as relações entre arte e educação, a partir da mediação cultural e das ações educativas realizadas nas instituições culturais e de arte. No decorrer do texto, reflexões pautadas pelo artista, curador e crítico de arte Luis Camnitzer se fazem presentes, buscando um paralelo, entre os termos arte e educação, que segundo o artista, estão corrompidos na atualidade. Para compreender melhor, apresento a origem etimológica da palavra mediação e a mediação cultural como conceito, como função e como ação. Além disso, investigações foram realizadas a partir dos quatro discursos da mediação e da educação em museus presentes nas instituições, sendo eles, afirmativos, reprodutivos, desconstrutivos e transformadores. Estabeleço paralelos entre as minhas vivências pessoais e a construção da pesquisa, as quais me transformaram e foram responsáveis pelo modo de ver a mediação cultural, a partir do sentimento de afeto.

O próximo capítulo procura construir relações que envolvem a importância do educador no desenvolvimento de estímulos facilitadores e instigadores aos

estudantes, atuando como mediadores nos espaços escolares e culturais. Denominado de **“A Dimensão Estética e a Experiência”**, as “bagagens” de cada um são consideradas significativas e indispensáveis para fruir esteticamente, pois somos sujeitos únicos, carregados de memórias, vivências e experiências boas ou ruins. Ressignificar experiências pode ser um desafio, mas em alguns casos, professores e mediadores se deparam com situações negativas que impactaram a vida destes sujeitos. Contudo, estas barreiras precisam ser ultrapassadas. As visitas em espaços de arte e cultura devem ser pensadas com antecedência, considerando alguns pontos importantes problematizados ao longo do capítulo, capazes de transformar informação em experiência.

A pesquisa tem continuidade com o capítulo que explora o conceito de **“experiência em proximidade aos pensamentos de Jorge Larrosa Bondía”**. Esclarece as diferenças entre as informações e experiências, além de ações que anulam possíveis experiências. A busca constante por informações, nos tornam sujeitos insaciáveis, mas se seguirmos alguns gestos, podemos ser atravessados por experiências. Contrapontos se intensificam neste capítulo, o que nos faz questionar os diferentes pontos de vista abordados, em relação a destruição dos princípios das escolas e dos professores(as) e as funções dos setores educativos de museus.

O capítulo seguinte, denominado de **“Grupo Focal: Uma Escolha Metodológica”**, aborda as trocas de experiências e vivências do grupo focal com os mediadores, a partir do percurso metodológico da pesquisa de campo. O grupo foi constituído por mediadoras e um mediador, que atuam em espaços de arte e cultura nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Foram realizadas as análises dos mapas mentais produzidos pelos participantes após o encontro único e de forma *online*, dos mesmos. Estas trocas de experiências ampliaram e proporcionam interações que outros meios de pesquisa são incapazes de promover.

O último capítulo é dedicado ao projeto de curso e tem como título **“Mediação Cultural: Inter-relações entre Arte, Cultura e Público”**. A proposta foi desenvolvida com intenção de proporcionar para quatro cidades escolhidas da região sul, Criciúma, Araranguá, Sombrio e Jacinto Machado, o conhecimento, ampliação e desenvolvimento acerca da mediação cultural afetiva e reflexões sobre sua importância na formação estética dos sujeitos, estabelecendo relações entre a arte e a educação. Cabe ressaltar que a proposta de curso pode ser desenvolvida em outros

territórios e contextos, não se limitando apenas a estes municípios, que foram escolhidos em razão de representarem laços afetivos com minha trajetória de vida.

Por fim, o leitor encontrará as reflexões finais do trabalho com a apresentação das possíveis contribuições da pesquisa para intervenção nas múltiplas realidades que perpassam o campo da mediação cultural afetiva e suas interconexões com a arte e a educação.



## **2 ARTE E EDUCAÇÃO: MEDIAÇÃO CULTURAL E AÇÃO EDUCATIVA**

Detalhe da obra  
"Metamorfoses Incompletas  
de Uma Artista Entomóloga",  
2018  
Fonte: acervo da  
pesquisadora

*“Nem Arte, Nem Educação”<sup>15</sup>*  
(Luis Camnitzer, 2016)

O artista, curador e crítico de arte, Luis Camnitzer nos provoca a pensar que os termos arte e educação estão corrompidos. Para muitos, a arte é vista como algo para ser feito nas horas vagas e a educação como fabricação de empregados. Os termos sendo compreendidos erroneamente afetam tanto as artes, como a educação em Artes e principalmente, os estudantes.

Os espaços não formais de educação como museus, galerias de arte, centros culturais, entre outros, são locais possíveis para educação. O encontro com obras de arte e objetos de outras culturas desenvolvem a ampliação de repertório artístico e cultural nos visitantes. Estes espaços normalmente oferecem mediação cultural, conhecida também por visita guiada. Mas, o que entendemos por mediação e mediador(a) cultural? Para compreender melhor, precisamos primeiramente conhecer a origem da palavra, que segundo Martins (2018, p. 84) nasce: “[...] do latim *mediatio*, do verbo *mediare* - dividir pela metade, estar no meio, advindo da raiz *med* – meio. O termo foi publicado na Enciclopédia Francesa de 1694 e pode ser compreendido na contemporaneidade como conceito, como função e como ação”.

A mediação como conceito é utilizada em diferentes campos do conhecimento. Por exemplo, no mundo jurídico, o campo de mediação de conflitos tem ganhado espaço nos últimos anos. Na educação, diversos são os autores que compreendem que o professor é responsável pelo processo de mediação na construção da aprendizagem junto ao estudante. Na arte e na cultura, a mediação como conceito é compreendida como estar entre, entre o objeto/obra e o público, mediando as informações, considerando os sujeitos como seres únicos, possuidores de “bagagens” culturais e históricas, proporcionando diálogos e interações.

Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural”. (MARTINS, 2018, p. 85)

Como função, a mediação está presente nas instituições culturais como forma de programa e serviços educativos. Já a mediação como ação, implica em tornar a

---

<sup>15</sup> Texto completo disponível em: <http://www.niartenieducacion.com/project/textos/>. Acesso em: 7 set. 2022.

visita em experiência estética. Não é suficiente elaborar ações que visam passar informações “há de ser um convite à *aesthesis*, desarmando a anestesia que leva à indiferença.” (Martins, 2018, p. 85). *Aesthesis* é uma palavra de origem grega e que significa percepção sensível. Portanto a mediação como ação deve possibilitar reflexão, conexão e ampliação de saberes a partir de suas próprias “bagagens” desarmando a anestesia e a indiferença, tornando-o em um ser sensível.

A mediação como ação é:

Um convite à disponibilidade e abertura frente ao que lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na multiplicidade de camadas de sentidos que a arte, os objetos, o patrimônio e manifestações culturais evocam, nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. (MARTINS, 2018, p. 85)

Sendo assim, o(a) Mediador(a) Cultural possui papel importante, pois é o responsável por informar os visitantes, levantar questionamentos, criar um espaço de diálogo entre a produção artística e o fruidor, facilitando o acesso cultural e artístico. Segundo Martins e Picosque (2012, p. 29) “o processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor”.

Entretanto, o(a) mediador(a) não possui formação específica, existem alguns cursos preparatórios que antecedem alguns eventos, como é o caso das bienais. É importante ressaltar que nem todas as mediações são abertas ao diálogo, a processos de imaginação e possuem provocações, de acordo com a pesquisadora e professora alemã Carmen Mörsch (2016), existem quatro discursos institucionais da mediação e educação em museus, dos quais são: afirmação, reprodução, desconstrução e transformação. O primeiro discurso, o afirmativo, é considerado o dominante nas instituições.

Ele atribui à mediação e à educação em museus a função de comunicação externa da missão do museu de acordo com os padrões do ICOM – coleção, pesquisa, preservação, exposição e promoção do patrimônio cultural. Aqui, a arte é entendida como um campo especializado que diz respeito, principalmente, a um público de expertos. (MÖRSCH, 2016, p. 3)

Nesse discurso, as práticas educativas e mediadoras das instituições são voltadas ao público que possuem especialização na área e que costumam frequentar estes espaços.

Diferentemente do anterior, o discurso reprodutivo visa educar o público do amanhã (gerações futuras), ou seja, aqueles que não frequentam espaços culturais, com o objetivo de inseri-los. Nesse discurso, o acesso ao patrimônio cultural é fundamental para a educação, mas compreendendo também que existem barreiras que dificultam este acesso, por esse motivo são pensadas ações para aproximar o público das instituições e que cada vez mais eles se sintam acolhidos.

O discurso desconstrutivo é o mais raro, dificilmente encontrado nas instituições, “Aqui, o objetivo da mediação e da educação em museus é examinar criticamente junto aos seus públicos, o museu e a arte, bem como os processos educativos e canônicos que têm lugar dentro desse contexto.” (MÖRSCH, 2016, p. 3). É raro, pois critica as instituições e a arte dentro da própria instituição, compreendendo que os museus e espaços expositivos potencializam a exclusão/distinção de grupos, buscando assim, práticas destinadas aos grupos excluídos e discriminados pelas instituições.

O quarto discurso, o transformador, é considerado o mais incomum. “Aqui, a mediação e a educação em museus assumem a tarefa de expandir a instituição expositiva e constituí-la politicamente como um agente de mudança social.” (MÖRSCH, 2016, p. 4). Nesse discurso mediadoras(es) e o público trabalham juntos, compreendendo que os museus são espaços modificáveis e possíveis de expandir. Embora existam quatro distintos discursos institucionais na mediação e educação, é possível encontrar mais de um discurso em instituições. Os núcleos educativos das instituições nem sempre desenvolvem ações correlacionadas aos mediadoras(es), e em alguns casos, é a mesma pessoa responsável pelas duas funções ou mais. Isso proporciona espaço, (não necessariamente ocasionado por esse motivo) para que mais de um discurso da mediação e da educação ocorra na mesma instituição.

Além da mediação cultural, as instituições desenvolvem outras ações educativas, que podem ou não estar relacionadas ao seu acervo. Compreendo como ações educativas: palestras, oficinas, rodas de conversa, jogos, entre outros. Estas ações estão voltadas ao público externo, pensadas muitas vezes como captação de recurso financeiro, e esquecidas de sua principal função, a ampliação de repertório artístico e cultural. Os funcionários das instituições, como por exemplo, os zeladores

e responsáveis pela limpeza, por muitas vezes são esquecidos e não participam de ações educativas, sendo que também são públicos. Isso impossibilita a aproximação dos funcionários com o local de trabalho, no qual passam grande parte do seu dia. Além desse afastamento, conhecer o ambiente de trabalho faz parte de ações preventivas dos bens culturais, pois oferecendo capacitação aos funcionários é possível ampliar seu olhar para cuidados na limpeza e manuseio, evitando possíveis problemas futuros.

No Museu da Infância - MI, atuo como assistente administrativa, mediadora<sup>16</sup> e no que podemos chamar de núcleo educativo, mas que de fato não existe. Quando recebemos um grupo de estudantes, avaliamos o formulário<sup>17</sup> que preencheram e nos enviaram para solicitar a visita. Dentre algumas perguntas, está a série/ano dos estudantes e objetivo da visita. Os demais visitantes, sem vínculo nas instituições de ensino, raramente entram em contato para solicitar mediação cultural, e, normalmente as dúvidas estão relacionadas ao horário de funcionamento, ainda assim, são comunicados da possibilidade de realizar uma visita com mediação. Com estes dados em mãos, penso, juntamente com os colaboradores<sup>18</sup> do MI, o que podemos propor de ações que relacionem com a idade dos estudantes e com o objetivo da visita. Como o tema do MI é a infância, as escolas buscam a visita principalmente para ampliação de repertório cultural no que se refere aos brinquedos e brincadeiras antigas, relacionando com a contemporaneidade. Outro ponto importante que desejo destacar, é que as mediações são pensadas conforme o tempo que possuem para a visita. Compreendo que essa é uma questão importante, pois são escolhas pensadas com antecedência, para que o visitante tenha oportunidade de experienciar o espaço e os objetos expostos.

Tudo isso colaborou para a construção de um modo diferente de ver a mediação cultural. Fui estabelecendo uma relação de afeto onde percebi a

---

<sup>16</sup> Ao longo dos meses no MI, participei como mediadora voluntária no projeto “Conservação, Adequação e Manutenção dos Núcleos Expositivos do Museu da Infância Unesc”, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura Edição 2020. Fui contratada como mediadora cultural do projeto “Hora de Estudar – Hora de Brincar”, Edital nº 01/2021 Cultura Criciúma e como auxiliar técnica do Projeto “Museu da Infância: Conservação, Adaptação e Manutenção do Acervo”, do pelo Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura Edição 2021.

<sup>17</sup> Formulário de Mediação Cultural do Museu da Infância. Disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfQWkaJ-84S2U6KP\\_ennrZgnv3X\\_Ar2ZUVZH-BWlJgF0zGjhA/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfQWkaJ-84S2U6KP_ennrZgnv3X_Ar2ZUVZH-BWlJgF0zGjhA/viewform). Acesso em: 11 set. 2022.

<sup>18</sup> Em 2022, os colaboradores do MI possuem as seguintes funções: Amalhene Baesso Reddig, Coordenadora; Aline Delavechia Rodrigues, Assistente Administrativa e Mediadora; Luiza Souto, bolsista e acadêmica de psicologia, que atua na catalogação e registro do acervo.

importância desse sentimento na mediação, oferecendo aos visitantes uma mediação cultural afetiva. De onde vêm? Como conheceram o museu? Qual o propósito da visita? Qual o tempo estimado para visitação? Estar disposto a escutar seu público e respeitar seu ponto de vista, são ações e gestos imprescindíveis. A relação que construímos com o público pode influenciar na fruição e proporcionar a transformação das informações em conhecimentos e experiências. Sendo assim os espaços culturais possuem papel transformador na educação se seguirem os discursos, reprodutivos, desconstrutivos e transformadores, no qual existe espaço para diálogo, pois o discurso afirmativo, como o próprio nome diz, afirma informações que não podem ser questionadas.

## 2.1 OLHAR/CORPO SINGULAR

*“O ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador.” (DUCHAMP, 1975, p. 74 apud MARTINS, 2014. p. 260).*

O ato criador, segundo Duchamp, não é executado sozinho pelo artista, o público contribui estabelecendo contato entre a obra de arte e o mundo exterior, conforme o contexto sociocultural, político, econômico e geográfico em que está inserido. Esse contato que o público estabelece, é composto por alguns fatores desenvolvidos durante nossa educação, que pode ser familiar ou escolar. Primeiramente, é necessário instigar os estudantes a visitarem e participarem de ações de arte e cultura, por esse motivo, aponto a educação familiar, pois os filhos se espelham em seus pais e/ou responsáveis, e se eles não costumam visitar estes espaços, a oportunidade de visitar fica nas mãos da escola, muitas vezes. Se a escola não costuma proporcionar as visitas, os estudantes acabam tendo esse primeiro contato com a arte e cultura já na fase adulta.

Entrar em um museu ou instituto cultural sabendo o que expõe não garante que possamos aproveitar a visita para ampliar nossos conhecimentos. As informações são importantes, quer sejam dadas por leitura, pesquisa, ou pelo monitor ou mediador, mas o importante é também nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nossos ouvidos ouvem, com o que nosso corpo sente. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 12)

O olhar/corpo singular, a que a citação se refere, está ligado às "bagagens" que carregamos, experiências vividas individualmente, que transformam nossos olhares e sentidos. Diferentemente da leitura, aprender visualmente depende das práticas que nos foram expostas e dos exercícios de leitura visual. Miriam Celeste Martins (1993) destaca diferentes olhares:

Qual o meu jeito de olhar? Só vejo o utilitário, olhar prático, objetivo, frio? Só vejo e analiso pelo gosto, não gosto? Ou pelo bonito ou feio? Serve para mim ou não? Fantasio este olhar com lentes cor de rosa? Olhar de Polyana? Olhar de piedade ou de inveja do que não é igual a mim? Em que "fôrmas" me amarraram para ver Arte? A "fôrma" da cópia da realidade ou da expressão? E de que expressão? De que beleza? Reprodução ou representação?

É possível olhar uma obra de arte e em cada momento observar algo, ação ou gesto diferente. O olhar investigador deve ser desenvolvido lá no início do ensino, na escola, para aprendermos a enxergar as "entrelinhas" além da figura, aguçando a imaginação, segundo Ferraz e Fusari (2009) "quanto maior a variedade de experiências, mais possibilidades existem para a atividade criadora e imaginativa". Nosso ser singular se constrói por meio das nossas experiências. A escolha de temas que nos despertam interesses, objetos que nos fazem lembrar memórias e sentimentos. Fruir faz parte da construção desse sujeito sensível, no qual deixar sentir e experienciar o novo ou aquela vaga lembrança esquecida em nossa memória. Segundo o dicionário de Língua Portuguesa on-line, a palavra sensível<sup>19</sup> significa "que sente; que tem sensibilidade; receptivo a impressões sensórias." ou seja, um sujeito receptivo às emoções, sejam elas boas ou ruins, mas que não deixa de sentir. Já um sujeito crítico<sup>20</sup> é aquele no qual julga, opina, conforme sua análise.

Sendo assim, compreendo que um sujeito sensível e crítico, deve estar acessível a novas impressões sensoriais e estéticas e a partir delas desenvolver análises e reflexões, capazes de transformar as informações em experiências. Será que um sujeito que nunca teve contato com a arte e cultura, ao visitar espaços culturais é capaz de fruir e transformar todas as informações em experiências? Ou então, aquele sujeito que desde sua infância visitou espaços culturais, é capaz de fruir

---

<sup>19</sup> Para saber mais, consulte: <https://www.google.com/search?q=sensivel&oq=sensivel&aqs=chrome>. Acesso em: 11 set. 2022.

<sup>20</sup> Para saber mais, consulte: <https://www.google.com/search?q=cr%C3%ADtico&oq=cr%C3%ADtico&aqs=chrome..69i57j0i512i9.3393j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 11 set. 2022.

e experienciar? Visitar estes espaços desde a infância contribuiu de alguma forma? Ou estas visitas são contempladoras e não transformadoras?

No próximo capítulo abordarei estas questões, indicando alguns métodos relevantes, no meu ponto de vista, e de vivências como mediadora, como também, pontos de vista de pesquisadores da área, essenciais para proporcionar ao visitante experiências e fruição estética.



# 3 A DIMENSÃO ESTÉTICA E A EXPERIÊNCIA

Detalhe da obra  
"Metamorfoses Incompletas  
de Uma Artista  
Entomóloga", 2018  
Fonte: acervo da  
pesquisadora

*“[...] levar de fora para dentro algo que mova cada sujeito para o mergulho nas sensações, na percepção sensível, no agitar de todos os sentidos e em todos os sentidos do corpo que também pensa e se expressa. E, puxar de dentro, a potencialidade e abertura para encontros com a arte e a cultura.” (MARTINS, 2014, p. 249)*

Na epígrafe anterior a autora Miriam Celeste Martins está se referindo ao “vírus estético”, termo que se originou no laboratório de formação de professores - Espaço Pedagógico por Pnina Friedlander, em 1992. A palavra “vírus” pode ser compreendida de forma negativa, já que normalmente está relacionado a patologias que se relacionam com doenças e, por consequência, com o rápido modo de propagação entre os humanos e o ambiente. Recentemente vivemos uma pandemia planetária em que o vírus do Covid-19 impactou todo o globo terrestre de modo muito intenso e devastador com consequências ainda presentes no ano de 2022.

Certamente Friedlander, em 1992, não imaginava o que viveríamos 20 anos mais tarde, embora sua intencionalidade tenha sido apropriar-se de um termo da biologia enquanto metáfora para o campo da mediação.

No texto comentado por Miriam Celeste Martins, a autora menciona a composição do vírus, seu desenvolvimento, seus sintomas e recomendações. A contaminação pelo vírus acontece rapidamente, mas para que sua propagação ocorra são necessários dois fatores, o Rh e Rc, ligados diretamente às circunstâncias internas e externas. A pessoa infectada, ao aproximar-se de outras pessoas propaga a contaminação do vírus, assim a outra irá contaminar outros. O mesmo ocorre na arte e cultura. A aproximação de pessoas ligadas às áreas de arte e cultura, proporcionados muitas vezes pela interação, através de diálogos e trocas de experiências podem levar a contaminações. Dessa forma o “vírus estético” acaba por se espalhar.

De acordo com a autora,

O fator Rh vincula-se aos recursos dos humanos que interagem com o portador do vírus. O educador tem um papel primordial como facilitador e instigador para a proliferação do vírus. Entretanto, um educador ineficiente pode atrapalhar o desenvolvimento e até barrar, temporariamente, a sua evolução. Em circunstâncias externas não favoráveis, a proliferação do vírus depende do Rh interno, capaz de criar anticorpos eficientes contra a ação indesejada. O fator Rc vincula-se aos recursos da cultura onde o indivíduo e seu vírus habita. Nele estão inseridos os sub-fatores: tempo e lugar. [...] A medicação aconselhada para revitalização destes fatores é a contaminação de reforço. Viagens, visitas a museus, galerias, audição de concertos ou de discos (sic), presença em apresentações de teatro, de dança, contatos com

livros, revistas, são alguns possíveis reforços. A presença de um instigador como mediador que desafia para a leitura e produção artística/estética é vital para que a mediação seja eficiente (MARTINS, 1992, p. 2 apud MARTINS, 2014, p. 250)

A proposta do “vírus estético” ressalta a importância do educador no papel de facilitador e instigador, sendo responsável pela principal contaminação do vírus, considerando também circunstâncias nas quais educadores ineficientes atrapalham o desenvolvimento. Professores e professoras possuem a possibilidade de ampliar o repertório artístico e cultural dos seus estudantes, com práticas ativas relacionadas aos seus cotidianos, espalhando o “vírus estético”. Nem sempre conseguem realizar todas as ações planejadas, como visitar espaços de arte e cultura, pois dependem de liberação da direção, dos pais e do transporte escolar, mas existem outras maneiras alternativas para que as atividades sejam realizadas, usando meios tecnológicos, vídeos, filmes, pesquisas e os museus virtuais. É importante que os estudantes entendam que existem várias possibilidades e que elas se transformam diariamente. A arte, assim como outros assuntos, deve ser sempre analisada em um todo, pensando em diferentes perspectivas, buscando estar atualizado e não ficar estático, sem alterações. Os pensamentos se transformam conforme novas informações são descobertas.

Outro ponto importante são os subfatores: tempo e lugar, no qual discorro na escrita batizando com o termo “bagagens”. São fatores experienciados singularmente por cada ser humano, sendo imprescindível considerá-los, antes de qualquer afirmação que possa pressupor algo. Se os subfatores são singulares, não é condizente considerar que todos, ao passarem pelo mesmo experimento ou repetindo-o, terão a mesma experiência. O experimento pode ser repetido, mas a experiência não (MARTINS, 1992 apud MARTINS, 2014). Por esse motivo, consideramos o tempo (passado e presente) e o lugar (local e regional) como fatores que alteram as experiências.

Em uma mediação cultural podemos observar diferentes “bagagens” que carregam cada um dos visitantes, algumas formadas por conhecimentos escolares e outras por experiências informais com a arte e com a cultura. Mas, para a eficiência desse medicamento na fruição estética, defendo como essencial, a presença de um mediador ou alguém que instigue o observador e proponha a articulação entre a produção proposta pelo artista e as possíveis relações que as obras mobilizam na

sociedade. No entanto, é importante um cuidado, o qual proponho como questionamento: existe apenas um modo de fruição? O tempo no qual o observador fica em frente a uma obra, pode influenciar na fruição? Estou disposto a fruir esteticamente? Como o mediador cultural contribui, ou não, para esse processo?

Para fruir esteticamente produções artísticas em museus e espaços de cultura, professores ou professoras devem considerar alguns pontos importantes, a serem instigados antecipadamente com os estudantes, quando a mediação ocorre com grupos escolares. 1º) É importante que o professor realize uma visita prévia para conhecer o espaço/museu, o setor educativo e a exposição a qual intenciona levar os estudantes. 2º) Indica-se construir um projeto estabelecendo relações entre os conteúdos da sala de aula e o objetivo da visita, que esteja de acordo com a coordenação e direção da escola, tomando o cuidado para não tornar a visita um modo de pedagogização da arte, mas sim, uma oportunidade de construir novas relações e modos de pensar os temas contemplados nas exposições. 3º) Preparar os estudantes para a visita, instigando pesquisas sobre o espaço/museu, artista ou artistas da exposição e suas produções. 4º) Agendar e informar o educativo do espaço/museu o objetivo da visita, pois esse diálogo facilitará as relações que o mediador cultural irá estabelecer e focar no encontro. 5º) Ao visitar o educativo, perguntar se possuem material de apoio que auxilia no registro e nas possibilidades educativas após a visita (SANTANA, 2009).

Já os visitantes sem vínculo com instituições de ensino, espectadores em geral, podem levantar alguns questionamentos e realizar pesquisas prévias sobre a exposição e/ou acervo, pensando sobre alguns aspectos, dentre eles: a) Tema da exposição. b) Nome do artista ou artistas e suas respectivas pesquisas e processos criativos. c) Agendar uma mediação. d) Buscar saber se o educativo dispõe de material de apoio.

Todos esses processos e vivências despertaram o interesse em tornar a mediação cultural, **afetiva**, proporcionando acolhimento e o sentimento de pertencimento ao museu, para que o público ao visitar se sinta à vontade no espaço e dessa forma as conexões possam fluir melhor. Segundo o dicionário *online*<sup>21</sup> a origem etimológica da palavra afeto, vem do latim "effectus,us", com sentido de

---

<sup>21</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.dicio.com.br/afeto/>. Acesso em: 21 out. 2022.

afeição. Já para psicanálise freudiana<sup>22</sup>, o afeto significa destinar a energia psíquica do desejo a um determinado objeto ou pessoa, e esse foco pode estar relacionado a algo positivo ou negativo. Neste trabalho, a associação da palavra afeto à mediação cultural, acontece pela associação aos sentimentos, como, amor, carinho, alegria, empatia, mas também, àqueles não considerados bons, mas por vezes necessários e presentes nas produções dos artistas. A associação dos termos – mediação cultural e afetiva -, surgiu espontaneamente, sendo desconhecido por mim o uso por outros pesquisadores<sup>23</sup>. E estes sentimentos não são reflexos somente do que eu sinto ao realizar a mediação cultural, mas também, dos sentimentos possibilitados aos visitantes pela mediação cultural e a visita ao espaço expositivo, além da própria experiência provocada pelo contato com as produções artísticas e/ou outras.



Imagem 8 – Aline Delavechia Rodrigues realizando mediação cultural no MI, com a turma do 1º ano do fundamental da escola EEB. Hercílio Amante, de Criciúma/SC.

Fonte: Acervo do Museu da Infância.

<sup>22</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-afeto-para-a-psicanalise/>. Acesso em: 21 out. 2022.

<sup>23</sup> Ressalto ao leitor que, a associação dos termos é desconhecida por mim até a publicação da presente pesquisa, mas isso não quer dizer que seja inédita.

Os pontos e associações citados anteriormente considero relevantes, pois ao longo dos meses em que atuo como mediadora no Museu da Infância, presenciei algumas situações das quais me fizeram refletir. Percebi que as interações e vivências dos estudantes são mais significativas e aparentes quando os professores estão trabalhando em sala de aula os temas relacionados ao MI, como brinquedos e brincadeiras, e o estudante busca conectar o que aprendeu em sala de aula, com o que está observando no MI. Não estou afirmando que as conexões e experiências só acontecem dessa forma, mas sim que esses pontos contribuem para a educação em sala de aula e em museus. Assim, acredito que o estudante entende o motivo de sua visita e quais as contribuições que este espaço possui para sua educação e se de fato não entender o motivo da visita, pode acabar considerando o museu como um espaço sem significado para sua construção enquanto ser humano.



Imagem 9 – "Hard Water", videoperformance por Tatiana Blass.

Fonte: [www.tatianablass.com.br](http://www.tatianablass.com.br)

Com estes fatores, é possível analisar profundamente a obra de arte além de sua estrutura e aparência, é muito mais do que podemos olhar. A produção do videoperformance "*Hard Water*"<sup>24</sup> (Imagem 9) da artista brasileira Tatiana Blass, realizada na residência artística no Gasworks em Londres, propõe diferentes reflexões. O que nossos olhos observam nesses registros fotográficos? Analisando os objetos presentes no registro, percebemos a presença de carretéis de linhas, utilizados na costura de tecido, nos quais estão ligadas as duas atrizes.

As linhas possuem diferentes cores e estão localizadas em diversos locais das paredes e do chão. O que as expressões de seus rostos demonstram? Uma delas

---

<sup>24</sup> Para assistir, acesse: <http://www.tatianablass.com.br/obras/54/61>. Acesso em: 13 out. 2022.

tenta se movimentar com dificuldade, pois as linhas impedem o movimento livre. A impressão causada é de que seus movimentos são manipulados pelos carretéis, lembrando os bonecos de marionetes. Um boneco de marionete é manipulado por uma pessoa, que cria personagens, falas e gestos, conforme seu objetivo. Será que estamos todos suscetíveis a manipulações?

No site oficial da artista<sup>25</sup> é possível encontrar na aba sobre o seu portfólio artístico o título fio/teatro, do qual consta suas produções, entre elas a vídeo-performance mencionada. Juntamente com as imagens, encontramos a seguinte descrição:

Hard Water - Videoperformance, 10'. Com Debora Minà e Ilana Gorban - Gasworks, Londres. As roupas de duas atrizes estão presas a inúmeros fios que saem de carretéis colocados em ganchos nas paredes da sala ou soltos no chão. Conforme as atrizes se mexem, os fios se soltam e se emaranham, dificultando a movimentação delas. O diálogo entre as atrizes é sobre a própria situação tragicômica de estar no meio dos fios. O título Hard Water (água dura) faz uma referência ao tipo de água de Londres, que contém calcário. (BLASS, 2012<sup>26</sup>)

Em relação ao título, o que significa? Qual a tradução de "Hard Water"? De acordo com o dicionário online a tradução é "água não filtrada" e a artista menciona na citação acima "água dura", fazendo referência ao tipo de água de Londres. Que tipo de água é essa? Ela está levantando alguma crítica?

Próximo a descrição é possível encontrar o diálogo das atrizes durante a performance de "*Hard Water*" (2012). Segue um trecho:

R: Por que você leva susto com tudo?  
V: É você quem diz.  
R: É mesmo?  
R: Olha aí, tá dizendo.  
V: Ai, para! Você me assusta!  
R: Que bobagem!  
V: Olha isso! Veja esse monte de nós! E quem tem a manha de desfazer tudo isso?  
R: Mas esse nó não se desfaz! É que gruda! É que gruda que nem baba!  
V: Você é mesmo confusa, absolutamente incapaz! Tudo o que você faz é uma zona, então ninguém entende nada!  
R: Eu não entendo mesmo! O que está acontecendo?  
V: Me desculpa.  
R: Desculpa.  
V: Desculpa.

---

<sup>25</sup> Para saber mais, acesse: <http://www.tatianablass.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>26</sup> Para saber mais, acesse: <http://www.tatianablass.com.br/download/livro.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

V: Você parece um resto de roupa!  
R: Resto de quê?  
V: Resto desse seu corpo! Olha só! Olha esse sacolejo mais desengonçado!  
R: Você é uma idiota!  
V: Você que é!  
R: Vá! Vá! Olha só! Olha só! Quem anda assim? Como é ridícula!  
V: É por causa desse monte de fios! Quanto fio! Nem dá pra se mexer direito.  
R: Foi você quem quis isso.  
V: É, mas foi você quem fez toda essa bagunça! Agora veja só a situação em que estamos.  
R: Estamos mesmo numa fria.

Após ler e analisar o trecho do diálogo entre as atrizes na performance, você pensa da mesma forma de quando viu somente o registro fotográfico? O acesso a estas informações é importante quando estamos falando sobre dimensão estética. Esse processo transita entre as “bagagens” pessoais e únicas de cada um e entre a obra de arte e o artista. O ato de criação não depende somente do artista, mas também das qualidades intrínsecas e contribuições do público. Por esse motivo considero importante destacar a diferença entre informação e experiência, tema do próximo subcapítulo.

### 3.1 A EXPERIÊNCIA: APROXIMAÇÕES COM JORGE LARROSA BONDÍA

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21)

Na epígrafe acima, Larrosa Bondía<sup>27</sup> afirma que informação não é experiência, sendo para ele, palavras opostas e com significados diferentes. Somos sujeitos informados e que constantemente buscamos e recebemos informações, mas não são todas as informações que se transformam em experiências. Ir em uma palestra ou visitar uma exposição nos tornam sujeitos mais informados do que antes, mas ao mesmo tempo, se não somos tocados e nada nos passa, a experiência não acontece.

Vivemos em uma sociedade baseada na informação e conseqüentemente na opinião. Para sermos aceitos nos meios sociais precisamos ter uma opinião formada sobre o assunto em questão, “O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente

---

<sup>27</sup> Licenciado em Pedagogia e Filosofia, é doutor em Pedagogia. Para saber mais, acesse: <https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/jorge-larrosa/419>. Acesso em: 23 out. 2022.

própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação.” e o sujeito obcecado pela busca constante da informação e que opina sobre ela, está anulando as experiências, “[...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça.” (2002, p. 22). Então este sujeito obcecado pela informação, passa seu tempo em busca de mais informações, pois está preocupado em não saber o suficiente e este saber está ligado ao estar informado e não a sabedoria.

Outro ponto importante destacado pelo autor, é a falta de tempo da modernidade que impossibilita a experiência.

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 23).

Segundo seu pensamento, somos sujeitos insaciáveis por informações e por conseguinte, insatisfeitos. A velocidade pela qual buscamos as informações nos impede de fazer conexões significativas entre os acontecimentos. Na educação não acontece de outra forma, “[...] na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também na educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece.” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 23). No início do ano letivo o professor(a) organiza seu planejamento anual, e conforme os dias vão passando, é percebido que certos conteúdos são deixados de lado ou não são aprofundados. E isso acontece por conta de contratempos que surgem, necessitando que sejam realizadas modificações no planejamento. Com isso, entendo, assim como na citação acima, que professores(as) possuem pouco tempo para dar conta de conteúdos tão extensos durante o ano letivo, e que essas modificações são necessárias, mas não deveríamos acelerar esses acontecimentos e este processo na educação, pois assim a experiência não acontece.

Ainda assim, para que a experiência de fato acontece, são necessários alguns gestos:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

Estes gestos necessários para que algo nos aconteça na atualidade, na qual estamos inseridos, onde novas informações nos atravessam constantemente nos impossibilitando de ter tempo para analisá-las com o devido cuidado, e que antes de ter uma análise precisamos opinar, é quase impossível se ter experiência. Devemos parar para ver, escutar, olhar e analisar. Precisamos possibilitar que esses gestos sejam executados, pois somos nós, os únicos com poder de fazer com que as transformações aconteçam, por mais que existem outras pessoas capazes de nos instigar, a ações e execuções partem de nós, sujeitos únicos.

O artista, curador, teórico e professor Luis Camnitzer, curador pedagógico da 6ª Bienal do Mercosul de Porto Alegre em 2007 “acredita que o espectador deve ser visto como ser criativo e não como apenas um receptor passivo de informação”<sup>28</sup> (BARREIRO, 2007).

A 6ª Bienal do Mercosul foi considerada como modelo de referência curatorial, por intensificar o programa pedagógico, ampliando as possíveis contribuições das exposições de arte e a comunidade. Na edição, os mediadores participaram de cursos, professores e professoras das redes públicas e privadas participaram do Simpósio Internacional de Arte Educação e capacitações, receberam material pedagógico em abril do mesmo ano, ou seja, antecipadamente, para que no momento de abertura das exposições, professores, mediadores e demais interessados estivessem informados, assim oportunizando melhores condições aos estudantes e público espontâneo. Ofereceu também, transporte público aos estudantes das redes públicas e instituições carentes, por meio do projeto “Diálogos”.

Podemos perceber todo o cuidado dos curadores em relação a Arte/educação, envolvendo a Bienal e seus respectivos públicos (BARREIRO, 2007). Em comparação com a 13ª Bienal do Mercosul, aberta para a visita dia 15 de setembro a 20 de

---

<sup>28</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.bienalmercosul.art.br/bienais/6%C2%AA-Bienal-do-Mercosul>. Acesso em: 22 out. 2022.

novembro de 2022, percebemos a perda de uma potência presente na 6ª Bienal, como por exemplo, o transporte e a força política das edições anteriores. Não foram oferecidos transporte gratuito às comunidades em vulnerabilidade social, e quando oferecido, limitado, o que é uma grande perda. Do mesmo modo, o Setor Educativo e a distribuição de materiais resultantes da proposta curatorial foram tímidos e limitados, o que evidencia a perda de espaço nas relações entre museus, arte e educação. Nas obras do curador e artista Camnitzer é possível perceber estas relações, principalmente em “O Museu é uma escola. O artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões” (Imagem 10) traz reflexões, nas quais Larrosa Bondía discorda e desenvolve outros questionamentos. O artigo foi publicado em 2018 e tem como título “Jorge Larrosa: o museu não é uma escola”<sup>29</sup>.



Imagem 10 – Variações da obra de Luis Camnitzer, “O Museu é Uma Escola. O artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões”.

Fontes: [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br) / [www.mam.org.br](http://www.mam.org.br) / [www.select.art.br](http://www.select.art.br)

<sup>29</sup> Para saber mais, acesse: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/09/jorge-larrosa-o-museu-nao-e-uma-escolajmm5ch4300mv01rxnfjkvusb.html#:~:text=Diz%20assim%3A%20%22O%20museu%20%C3%A9,como%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20como%20aprendizado.> Acesso em: 23 out. 2022.

O objetivo que me levou a trazer esse artigo como referência, no qual, seu respectivo autor e o artista do tema discordam, em partes, foi para refletir sobre os dois pontos de vista. O incômodo causado pela frase surgiu quando Larrosa viu pela primeira vez a obra de Luis Camnitzer no MAM-SP.

E isso ocorre pois compreende que na educação escolar, os alunos são instigados pelos professores a despertar o interesse, e a escola tem a ver com o estudo, diferentemente dos museus, que possuem um espaço ou núcleo educativo e a educação está ligada ao desenvolvimento da comunicação e aprendizagem, “a urgência não é tornarmos a escola mais artística, mas mais escolar.” (2018)<sup>30</sup>. Os dois concordam que a educação tem a ver com a formação de sujeitos livres, críticos e questionadores, e que a meu ver podem também, ser papel da arte. Se a arte é a expressão livre do artista, que pode ou não ser crítica, será que não temos que ter escolas mais artísticas? Será que a educação em arte nas escolas possui potência transformadora, questionadora e crítica ou ainda é vista como uma atividade de lazer?

Larrosa aponta que as coisas feitas em museus e nas escolas são diferentes, que nem os estudantes são o público e nem os artistas são professores. Discordo em parte com essa última afirmação, pois ela é ambígua. Professores podem sim, ser artistas ou vice-versa, mas também, ao longo do texto o assunto não é aprofundado, não havendo espaço para outras interpretações. Ainda no texto, Larrosa Bondía (2018) alega:

Mas o que de fato me incomodou na frase de Camnitzer, aquela com que este texto se iniciou, é que ela está contribuindo, talvez com o pesar de seu autor, com a destruição da escola e do professor. Com a destruição dos princípios que tornam uma escola uma escola e não outra coisa (um museu, uma empresa, uma igreja, ou um shopping) e um professor, um professor (e não outra coisa, como um mediador, ou comunicador, ou artista, ou facilitador da aprendizagem).

A preocupação do autor está na destruição dos princípios da escola e do professor, e, conseqüentemente, o seu descrédito. Os exemplos citados demonstram que a escola e o professor possuem características e funções específicas que

---

<sup>30</sup> Para saber mais, acesse: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/09/jorge-larrosa-o-museu-nao-e-uma-escola-cjmm5ch4300mv01rxnfjkvusb.html#:~:text=Diz%20assim%3A%20%22O%20museu%20%20C3%A9,co mo%20comunica%20C3%A7%20C3%A3o%20e%20como%20aprendizado. Acesso em: 23 out. 2022.>

nenhuma outra área é capaz de alcançar, o que nos faz pensar se realmente o museu pode ser uma escola. Ou então, se esta frase foi criada justamente para nos fazer refletir e não com o objetivo de afirmar.

Talvez sua preocupação também se dê por conta da formação dos mediadores, que não é específica para a função. O mediador cultural não é de fato orientado pelo regime da CLT<sup>31</sup> e também não está incluído nas ocupações da CBO<sup>32</sup>, seu vínculo empregatício não é reconhecido, dessa forma são realizados contratos e os contratados são de diversas áreas, ou estão na graduação e são contratados como estagiários, até porque não existe uma formação superior específica. O mesmo acontece nos demais cargos de museus e instituições culturais, as áreas de formação são diversas, e nem sempre voltada especificamente para as funções. Já nas escolas, o correto é que o professor possua a graduação em licenciatura na área específica ou então estar se graduando. O que podemos pressupor é que os sujeitos possuam formação ou especializações em áreas que os coloquem nestes espaços, como o caso de Camnitzer que é artista, professor, teórico e curador, possuindo amplo conhecimento.

O texto “O novo homem”<sup>33</sup>, publicado por Camnitzer em 2020, para o Seminário de Arte e Educação promovido pela revista Select, faz comentários sobre a sociedade e a arte, no ponto de vista de Che Guevara, colocando suas concepções sobre o assunto. Na sociedade capitalista, tudo o que fazemos tem de ter um propósito prático e de acordo com Camnitzer (2020):

Em vista do fracasso das revoluções políticas do século XX, a questão da função social da arte é de crescente interesse e importância. Assim como o foco em para que ela é utilizada, que é um conceito tido como certo em todos os sistemas sociais ocidentais. Deve haver um propósito prático em tudo o que fazemos, caso contrário, é luxo ou lazer. Isso condicionou o sistema educacional, fazendo-o mudar cada vez mais para a praticidade, eliminando as humanidades e as artes dos currículos e tendo que lidar com a questão de como essa coisa inútil que chamamos de arte pode ser quantificada e utilizada de forma prática.

---

<sup>31</sup> Consolidação das Leis do Trabalho, o decreto-lei entrou em vigor em 10 de novembro de 1943, regulamentando as relações de trabalho individuais e coletivas. Para saber mais, acesse: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm). Acesso em: 23 out. 2022.

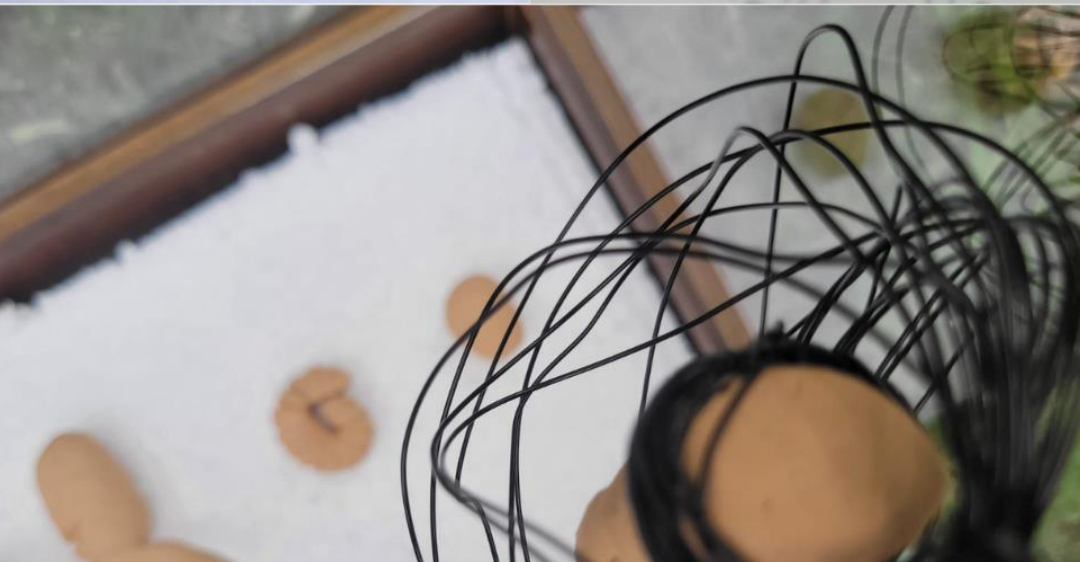
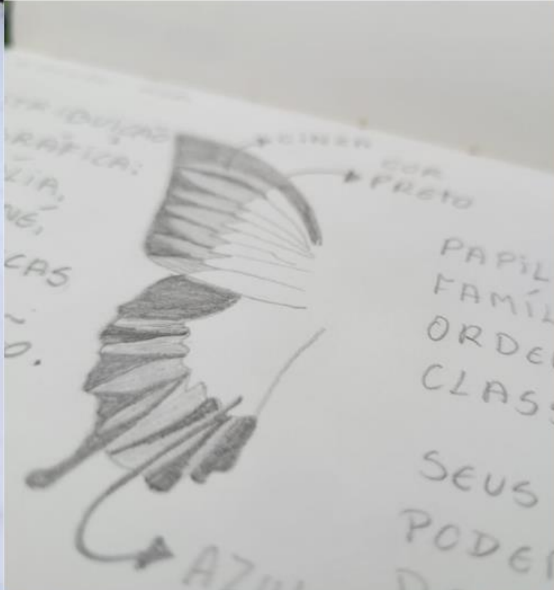
<sup>32</sup> Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Para saber mais, acesse: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

<sup>33</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.select.art.br/o-novo-homem/>. Acesso em: 23 out. 2022.

A praticidade em que a sociedade capitalista vive, condicionou a arte ao propósito prático, assim como as concepções de Bondía e a escola, os pacotes de soluções educacionais estão cada vez mais numerosos e direcionados ao fazer desconectados da reflexão. Para construir o sistema educacional, olhamos para o passado, descartamos os erros e tentamos melhorá-lo a partir dos nossos valores, mas estamos sujeitos ao que conhecemos e explorar novos parâmetros e significados fica impedido (CAMNITZER, 2020). Como a arte continua no currículo, os cursos de aperfeiçoamento foram ganhando espaço, adquirindo valor de investimento, ou seja, um propósito de utilidade. O mesmo ocorre nos espaços culturais e museus. As mediações culturais podem ser consideradas por algumas instituições uma das principais funções, pois é rentável. As instituições privadas buscam na mediação a possibilidade de arrecadar valores para investimento do próprio local, e as públicas, muitas vezes, utilizam como contrapartida social de projetos ligados a captações de recursos, por meio de editais de fomento à cultura, visto que, o apoio à estas instituições são precárias no Brasil. Esses meios de envolver a sociedade, como vimos anteriormente, mantém a arte com um propósito prático na sociedade capitalista?

Talvez o pensamento de Bondía não esteja pautado, nas curadorias das exposições realizadas por curadores pedagógicos, assim como o educativo do museu, voltados para estes processos, que levante questionamentos, não somente sobre o acervo das instituições, mas também sobre a atualidade. Existem diferenças nos espaços físicos e nas dinâmicas de interações dentro das instituições e a escola, que causam comportamentos diferentes entre os estudantes, mas será que existe “perda” entre os processos pedagógicos que cada uma desenvolve? Será que é esta a perda dos princípios da escola e do professor que Larrosa Bondía se refere? Ou são somente processos diferentes e que causam o mesmo efeito?

# 4 GRUPO FOCAL: MEDIADORES EM DIÁLOGO E REFLEXÃO EDUCATIVA



Detalhe da obra  
"Metamorfoses Incompletas  
de Uma Artista  
Entomóloga", 2018  
Fonte: acervo da  
pesquisadora

O encontro com o grupo focal aconteceu no dia dez de outubro de dois mil e vinte e dois em uma segunda-feira às dezoito horas, de forma remota, usando o google *meet*, conforme já anunciado nas páginas iniciais da pesquisa. Ao longo deste capítulo, encontram-se relatos dos participantes do grupo focal, os quais são denominados como fragmentos.

A constituição do grupo se deu por ligações telefônicas e convites eletrônicos às instituições culturais inicialmente localizadas no estado de Santa Catarina. Recebi algumas devolutivas de instituições informando que não seria possível participar, por já estarem comprometidos em outros eventos, ou, por não possuírem mediadoras(es). Estendi o convite para o estado do Rio Grande do Sul ampliando o raio geográfico, uma vez que são poucas as instituições culturais que contam com Setores Educativos e de Mediação Cultural, especialmente no campo da arte e após a pandemia de Covid-19. Recebi o retorno de oito instituições das cidades de Criciúma, Joinville, Florianópolis e Porto Alegre, dos quais participaram sete mediadoras e um mediador, totalizando oito participantes. Na tabela 1, constam os dados dos participantes, como os nomes escolhidos para identificação na pesquisa, as cidades, os estados e a função ou funções.

Tabela 1 - Participantes do grupo focal<sup>34</sup>

NOME	FORMAÇÃO ACADÊMICA	CIDADE	ESTADO	FUNÇÃO
Gabriela	Bacharela em Psicologia e graduanda em Artes Visuais Bacharelado - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Estagiária
Bruna	Bacharela em Artes Visuais, Especialista em Poéticas Visuais e Mestre em Artes Visuais – UDESC. Graduanda em Artes Visuais Licenciatura.	Criciúma	Santa Catarina	Bolsista de Extensão
Quetlin	Graduanda em Letras Licenciatura - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Estagiária
Kamila	Graduanda em Psicologia - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Bolsista/Mediadora Cultural
Marcello Carpes	Graduando em Artes Visuais - UDESC	Florianópolis	Santa Catarina	Arte educador do Núcleo de Ação Educativa (NAE)
Sandra	Bacharela e Licenciada em Artes Plásticas. Mestre em Teoria e História da Arte – UDESC.	Florianópolis	Santa Catarina	Técnica de Cultura - Coordenadora

<sup>34</sup> A fim de esclarecer ao leitor, destaco que as funções descritas na tabela foram declaradas pelos participantes na resposta ao convite enviado por e-mail. Todos os participantes atuam como mediadoras e mediadores em instituições de cultura e arte.

	Especialista em Gestão e Políticas Culturais – Girona/Itaú Cultural			do Núcleo Educativo e de Programação e Divulgação Cultural
Nadia	Bacharela em Comunicação Social - Habilitação em Cinema e Vídeo (UNISUL). Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI/AUPEX). Técnico em História da Arte Ocidental (Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior/Escola de Artes Fritz Alt).	Joinville	Santa Catarina	Assistente Cultural - Monitora de Museus
Cândida	Graduanda em Interpretação - Teatro Bacharelado - UFRGS	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Mediadora / Receptivo

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No dia do encontro, todas as mediadoras(es) que confirmaram a presença, participaram. Para que os dados do encontro fossem acessíveis posteriormente para a pesquisa, usei o e-mail do Curso de Artes Visuais para realizar a gravação, visto que pelo meu não era possível. Na oportunidade pedi que os participantes sinalizassem concordância ou não com a gravação. Como obtive o consentimento de todas/os, iniciei o encontro agradecendo a presença de todos, realizando minha apresentação, a da pesquisa e informando o motivo que me levou a escolher o grupo focal como método de pesquisa de campo.

A proposta e escolha pelo método de pesquisa em grupo focal, surgiu em diálogos com o orientador, pois até então, não conhecia esta metodologia. Buscava uma forma de interação em que as pessoas se sentissem mais à vontade e trocassem suas experiências através do diálogo, mas que também não fosse uma roda de conversa com perguntas e respostas. Segundo Gatti, “O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar.” (2005, p. 9).

Ao pesquisar sobre este método, tive a certeza de que era esse o caminho a ser percorrido na pesquisa de campo, justamente por ser indireto, no sentido de não sofrer tantas interferências pessoais do moderador, possibilitando que o diálogo ocorra de forma espontânea, não existindo respostas certas ou erradas. O moderador, aquele que dialoga com o grupo, pode ser o próprio pesquisador ou alguém convidado, de acordo com Gatti (2005, p. 29) “O moderador deve explicitar seu papel, que é o de introduzir o assunto, propor algumas questões, ouvir, procurando garantir,



O afeto e acolhimento proporcionam aos visitantes um lugar de pertencimento, desmistificando os museus e espaços de arte e cultura. Muitas vezes os visitantes não se sentem à vontade na instituição, como se aquele lugar pudesse ser somente frequentado pela “elite”, por pessoas com formação na área. E a linguagem na qual usamos em uma mediação, deve ser de acordo com a do visitante, como quando estamos explicando um assunto para uma criança e se usarmos palavras do vocabulário adulto, não irão entender. O mesmo se estende aos adultos, pois é diferente quando estamos conversando com pessoas formadas na área de arte e que entendem certos aspectos que uma pessoa de outra área. Mas neste último caso estamos supondo e não podemos subestimar o público. Aos poucos durante a mediação cultural é possível conhecer melhor o visitante e entra em questão, outras palavras da nuvem, a observação e escuta. Durante as discussões no encontro com o grupo focal, surgiu o seguinte relato da participante Nadia (Fragmento I).

A partir deste fragmento é possível compreender que para uma mediação afetiva, tanto o mediador, quanto o público, precisam estar abertos ao diálogo e a troca de informações, é uma relação recíproca. Essa relação amadurece durante os diálogos do grupo, complementando a fala um do outro, na qual é possível compreender que algumas de suas dificuldades, podem ser as mesmas dos outros participantes do grupo focal.

A segunda pergunta direcionada ao grupo foi escolher três palavras que representem as características de um bom mediador cultural em seu ponto de vista e colocar na nuvem de palavras, usando também o mesmo recurso digital da questão anterior (Imagem 12).

*Fragmento I:*

Eu atendo escolas, mas, atendo grupos espontâneos no final de semana também, cada um tem e vem com uma expectativa diferente, então em primeiro lugar eu me abro para entender o que aquela pessoa busca ali ou precisa de mim. Eu me abro para tentar entendê-la um pouco, para me aproximar dela, para que eu também possa aproximar dela o que eu estou apresentando para ela. É uma relação muito afetiva às vezes [...] eu me sinto de formas diferentes também, à medida que eu vou me abrindo para as pessoas que eu recebo.



Imagem 12 – Nuvem de palavras desenvolvido no grupo focal, 2022.  
Fonte: acervo da pesquisadora.

O relato da participante Bruna (Fragmento II) para essa questão contemplou a relação do mediador e da palavra afeto. Sua escolha é justificada. O pensamento de Bruna, ao descrever um bom mediador, sinaliza para a ênfase que o seu papel e suas ações podem provocar no público visitante. Defende que o papel da mediação e, portanto, do mediador, são relevantes para provocar novas aberturas e reflexões. Considerando as análises pessoais vivenciadas por Bruna, no exercício de suas ações como mediadora cultural, é possível perceber as características das ações que envolvem os discursos desconstrutivos e transformadores, conforme mencionado no capítulo dois, intitulado Arte e Educação: Mediação Cultural e Afetiva.

Questionar é uma prática presente principalmente nestes dois discursos, segundo Mörsch “Nesta prática de trabalho, aqueles que ensinam e aqueles que são ensinados intercambiam posições; o processo educativo é compreendido como um ato recíproco, embora seja estruturado pelas relações de poder já observadas” (2016, p. 6). A relação de poder na qual a autora comenta, estão

*Fragmento II:*

Eu escolhi afetivo porque eu sinto que eu sempre tento trabalhar a partir dessa ideia, às vezes até um pouco utópica, de que a mediação vai afetar a vida da pessoa, seja para o bom ou para o ruim. Então eu acho que é uma coisa muito importante, uma mediação que seja afetiva, dialogante, porque é algo que eu prezo muito, estar sempre questionando.

*Fragmento III:*

[...] é importante que o mediador saiba sentir os fluxos da sua atividade, porque de repente você têm pessoas de uma mesma faixa etária, mas cada uma tem uma energia diferente, está com nível de atenção diferente, e é preciso fluir entre essas diferentes temperaturas, digamos assim.

*Fragmento IV:*

[...] confiante também no que está fazendo porque acho que dá para perceber quando a pessoa não sabe direito o que ela tá falando, onde que ela está pisando [...] confiar também que às vezes tu não sabe responder todas as perguntas, nem tudo tem resposta.

*Fragmento V:*

Eu me vejo como alguém paciente, então acho que é uma característica importante para mim. Entender os tempos, os públicos, que os entendimentos não são na mesma velocidade, então ter paciência de perceber isso e de colocar na medida, onde cada um vai ter o seu tempo e o seu entendimento, acho que é uma característica importante.

relacionadas às escolhas dentro das instituições e museus e que afetam no desenvolvimento das ações.

Quem decide as ações? Quem decide as abordagens? Quem categoriza o “público-alvo”? O mediador deve seguir a abordagem da instituição mesmo que não concorde?

No fragmento III, a participante faz referência aos visitantes, que muitas vezes possuem experiências e sensações distintas com as obras e exposições. Alguns ficam mais tempo observando uma mesma obra, enquanto outros olham rapidamente, o que acaba dispersando o grupo e o mediador precisa saber lidar com essas situações. Nessa e em outras situações, é importante que o mediador sinta confiança no seu trabalho e no que está falando. A palavra “confiança” não está na nuvem de palavras desenvolvida pelos participantes do grupo focal, mas é uma característica citada durante os diálogos da segunda questão.

A participante Cândida (Fragmento IV), concorda e acrescenta que o mediador precisa ser confiante. Nem tudo e nem todas as respostas estão ao nosso alcance. O que se pode fazer em situações assim, é de fato ser franco e verdadeiro, dizendo à pessoa que não sabe, mas pode buscar a informação posteriormente, como exemplo, retornando uma ligação telefônica com a resposta desejada.

A cada nova exposição é necessário que os mediadores sejam capacitados e estudem, as obras, os artistas, a curadoria e o tema do qual surge a exposição. Isso exige do mediador paciência, que é uma das características na nuvem de palavras (Imagem 12) na qual o participante Marcelo cita (Fragmento V). O tempo a que se refere Marcelo, é também citado pela participante Nadia, pois compreendem que os públicos são sujeitos únicos e cada um possui seu próprio tempo e entendimento.

*Fragmento VI:*

Eu gosto de pensar na mediação nesse processo, não de entrega, não virar um guia da exposição, mas em construindo esses sentidos em conjunto. Isso coloca um desafio no sentido que os públicos também vão ter que ter uma postura mais ativa, do que passiva, em vez de ficar só escutando eles vão ter que questionar. Então esse desafio é colocado para o mediador, de tentar envolver esses públicos, nessa postura ativa de reflexão e de se colocar ali nas propostas.

Ao longo da fala, Marcelo comenta o quanto as palavras, lembram Jorge Larrosa Bondía, ao analisar a nuvem de palavras. Ele coloca a importância da palavra, da sua força, pois nos comunicamos por palavras, pensamos por palavras e elas nos invadem em diversos sentidos e que às vezes não nos importamos tanto com elas. Considerei interessante este relato, pois quando realizei os convites e no encontro com o grupo focal, não comentei sobre as referências das quais a pesquisa bibliográfica é baseada, mesmo assim foi possível que um dos participantes conectasse estas questões. Isso demonstra as relações importantes que o grupo focal despertou nos participantes e que a pesquisa deve, e pode ser usada, como referências nas áreas das quais envolvem nossas funções. A frequência com que os mediadores se dedicam à pesquisa e aos encontros com o educativo é de fundamental relevância, pois a cada nova mediação, diferentes vivências acontecem e novas abordagens devem ser analisadas. Os públicos são

diversos e o mediador deve ser capaz de conduzir o diálogo conforme as necessidades. Ao finalizar sua fala, Marcelo relata as interações e construções de sentidos que desenvolve com o público (Fragmento VI).

O público, deve então, ser instigado pelo mediador a questionar, refletir, analisar, sobre as obras e esquecer aquela ideia de que, museus ou espaços de cultura, são locais somente de contemplação. O que pode ser um desafio para o mediador. Tanto no grupo focal, quanto nas minhas observações em mediações, são perceptíveis alguns aspectos relacionados à faixa etária do público. Em mediações realizadas com o público infantil, o diálogo com o mediador é mais frequente e espontâneo, normalmente perguntam mas, são mais curiosos. Já o público jovem e adulto, parecem sentir desconforto e receio nas palavras, como se a todo momento estivessem sendo julgados, mesmo que estejam curiosos, muitas vezes acabam não perguntando, ou esperam para outro momento em particular. Penso que, esta relação seja construída conforme vamos crescendo e as palavras já não saem das nossas bocas com tanta espontaneidade e ingenuidade como as das crianças. Essas relações ou a falta delas, podem ocasionar o direcionamento dos discursos da

mediação, para o afirmativo, reprodutivo, desconstrutivo ou transformador (MÖRSCH, 2016), visto que, o público assume papel ativo e não mais passivo, assim como, o mediador cria as possibilidades de fruição, para que as experiências aconteçam, mas não é de sua inteira responsabilidade se ela ocorre ou não. Se o público não interagir, não questionar, mesmo que o discurso do mediador seja pautado no transformador, é possível que ele não alcance as ações características deste discurso e acabe ficando no afirmativo. Pode-se proporcionar questionamentos, mas eles precisam ser dialogados.

No final do encontro, conversei com os participantes para solicitar a realização de um mapa mental e após uma semana me enviarem, podendo usar os meios digitais ou manuais. Aos que não conheciam a prática, mostrei alguns exemplos e expliquei as características de um mapa mental, que consiste em um tema principal, no qual desdobram para outros temas, e as conexões entre as palavras surgem. Conheci a prática do mapa mental na primeira graduação, ao realizar uma atividade solicitada pela professora Daniele Cristina Zacarão Pereira na disciplina de Interlocuções Poéticas. O mapa tem como tema as minhas produções artísticas (Imagem 13), os processos artísticos e metamorfoses que passamos diariamente, é um ciclo, assim como o ciclo da borboleta.

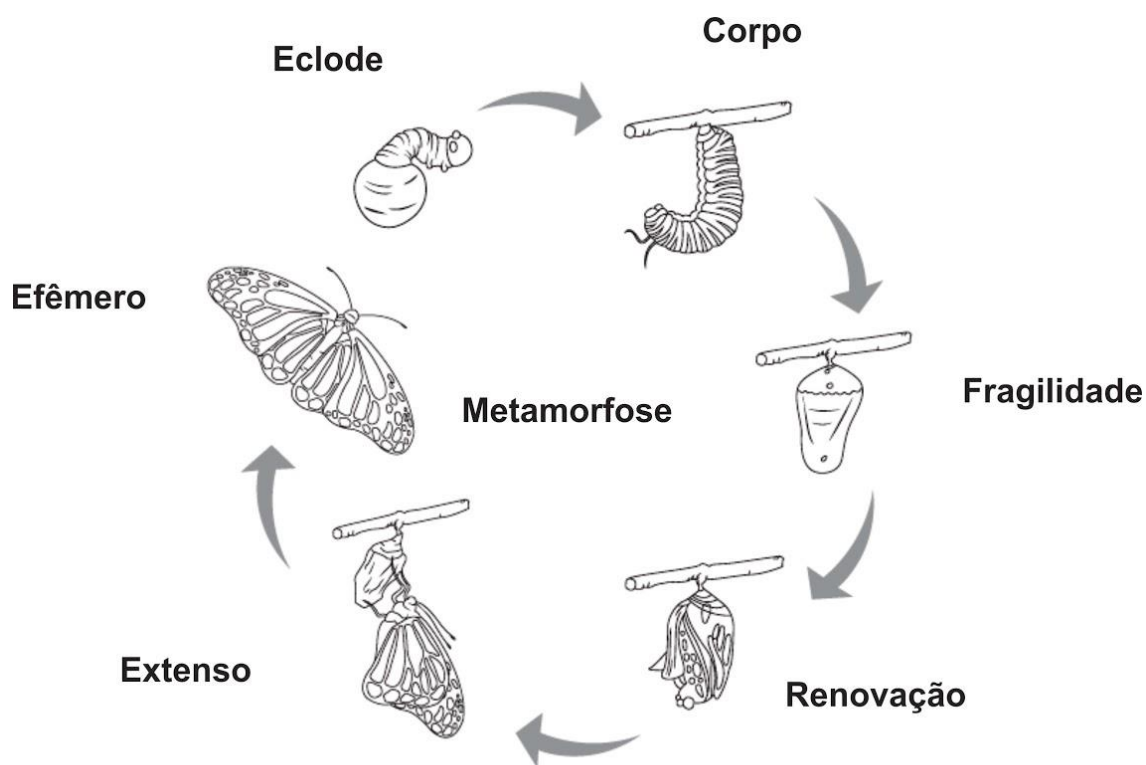


Imagem 13 – Mapa mental desenvolvido para a disciplina de Ateliê de Interlocuções Poéticas, 2018. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Percebo que muitas vezes precisamos colocar “no papel” as palavras e conectá-las, o que facilita a visualização do tema, por isso a escolha da técnica. Tony Buzan (psicólogo e escritor inglês) foi o responsável pelo desenvolvimento da técnica dos mapas mentais e os objetivos, segundo Pinheiro (2021, p. 7) são:

O Mapa Mental, também denominado Mapa da Mente, é um diagrama utilizado para a gestão de informações, de conhecimento e de capital intelectual. Os Mapas Mentais têm como objetivo a representação do pensamento e são organizados visualmente a partir de ideias, denominadas ideias-chave. Os Mapas Mentais são úteis na identificação de fatores intervenientes para tomada de decisão.

Portanto, a utilização dos mapas mentais se desdobra em diferentes ramificações, que facilitam a organização visual do assunto a ser tratado, do tema principal auxiliando na tomada de decisões.

Dos oito participantes, seis enviaram os seus mapas mentais, e destes seis, apenas dois fizeram de forma manual. Um dos participantes respondeu as questões em formato de texto e relatou não ter conseguido dar andamento no desdobramento do mapa. Enviei por e-mail seis perguntas (Anexo C) para que respondessem através do mapa mental. As perguntas são: 1) É possível relacionar a mediação cultural em exposições de arte com a construção de um olhar crítico e sensível no público visitante? 2) O público que visita exposições de arte e cultura, está vivenciando experiências significativas nas propostas de mediação cultural? 3) Os mediadores são responsáveis por exercícios formadores de olhares sensíveis e críticos? É possível que os olhares sejam formados? 4) Que concepções de arte e educação estão presentes nas propostas de mediação cultural em exposições artísticas? 5) Nas instituições que atuam, existem espaços para troca de experiências entre os mediadores e o núcleo educativo? 6) Existem propostas de práticas relacionadas as mediações? Quais?

Ao enviarem seus mapas, os participantes relataram gostar da prática e se colocaram à disposição para contribuir futuramente, caso necessário.

O mapa mental é um método:

[...] didático que possibilita armazenar, organizar e dar prioridade a informações, por meio da utilização de palavras-chave e/ou imagens-chave. Através do Mapa Mental é possível compreender e solucionar problemas, melhorar a memorização e o aprendizado. (PINHEIRO, 2021, p. 7)

Muitas vezes estamos tão focados no trabalho e em nossas funções cotidianas, que priorizamos alguns enfoques na escrita e deixamos de lado outras, o que pode incorrer em dispersão do objetivo central. De maneira mais suscita que anotações no caderno, cadernetas ou agendas, os mapas mentais podem nos proporcionar a memorização, por conta dos fatores visuais das palavras-chave ou imagens-chave e que podem ser impressas e colocadas à frente do local de trabalho. Por serem pessoais e subjetivos, os mapas mentais podem fazer sentido somente para seus criadores, e não compreendidos por outras pessoas. De acordo com Pinheiro (2021, p. 7):

Ele é construído de forma muito pessoal, isto é, as informações e suas associações são consistentes para quem o elaborou. Por isso, é muito difícil estruturar ideias em Mapas Mentais que foram elaborados por outras pessoas, pois as associações e os desenhos utilizados foram dispostos da maneira como quem elaborou entende o conteúdo, podendo ser de difícil compreensão por terceiros.

Vejamos os resultados e as análises a seguir:



Imagem 14 – Mapa mental da participante Kamila, 2022.  
 Fonte: Acervo da pesquisadora.

A participante Kamila desenvolveu o mapa (Imagem 14) relacionando as palavras que considera como principais na mediação cultural. Segundo suas

conexões, a mediação cultural, por meio do mediador, é capaz de **estimular novas percepções**. A mediação pode então estimular novos olhares, proporcionando experiências e mais criatividade. Um momento de fala e escuta, que desenvolve novos conhecimentos, novas parcerias e amizades.



Imagem 15 – Mapa Mental da participante Cândia, 2022.  
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O mapa da participante Cândia (Imagem 15) traz como palavra principal a mediação, e envolvendo ela, as palavras, instigar, aprendizado, autonomia, espaço de troca, construção e pensamento crítico. De acordo com suas concepções, um bom mediador deve provocar, mas nem sempre o público está interessado e talvez naquele momento o mediador não consiga causar nada. Seu pensamento lembra os de Mörsch, e dos discursos transformadores e desconstrutivos, que de acordo com a pesquisadora, é um ato recíproco entre os que ensinam e os que são ensinados.

Um público que recusa cumprir com estas expectativas e que insiste, assim, no trabalho orientado para a transmissão de informações evade dos objetivos educativos inerentes nestes discursos: o desenvolvimento da consciência crítica, do agenciamento político, e auto-empoderamento. (MÖRSCH, 2016, p. 6)

Estes dois discursos tem como objetivos educativos o desenvolvimento da consciência crítica, do agenciamento político e auto-empoderamento. O público que não alcança essas expectativas e que não se permite experienciá-las, está, portanto,

impossibilitando o acontecimento de uma mediação transformadora, ficando apenas no discurso afirmativo, ou seja, transmissão de informação.

Em seu mapa observamos a expressão **espaço de troca** como um dos temas principais envolvendo a mediação. Sua colocação está relacionada à falta que sente de um espaço de troca, no educativo. Ao longo dos diálogos do grupo focal, outros participantes fizeram esta mesma colocação, sentem falta de conversar com pessoas que realizam as funções de mediadores(as). Por acreditarem que essa troca de experiências beneficia e reflete no desempenho da mediação, capaz de pensar em estratégias efetivas para dificuldades existentes, como por exemplo, ações que façam um grupo de visitantes voltarem a atenção para a mediação, quando os mesmos estão dispersos, e que isso ocorra naturalmente. E quando digo naturalmente, é porque acredito que os mediadores e mediadoras culturais desenvolvem suas funções em espaços não formais de educação e a mediação cultural não deve ser realizada como algo obrigatório, pois não é. Mesmo que o público visitante seja escolar, as ações e estratégias são diferentes do ensino em sala de aula.

*“à mediação não termina quando acaba”*

*Cândida, 2022.*

A frase acima é uma citação da participante Cândida, registrada em seu mapa mental e nos faz refletir sobre a potência da mediação cultural e o quando ela pode causar e reverberar posteriormente. No momento da mediação cultural, o visitante pode não ser afetado, mas com o passar do tempo, alguns acontecimentos ou aprofundamentos nas pesquisas de arte e educação, podem mudar seus pensamentos e sentir que aquela experiência foi significativa, que possibilitou ampliar seu repertório ou que fez enxergar as questões com uma outra perspectiva, da qual seria impossível acontecer sem a vivência da mediação cultural.

O mapa mental da participante Gabriela (Imagem 16), foi realizado de forma manual, com colagens, figuras e desenhos. As principais relações e conexões propostas pela participante envolvem as memórias, o crítico, a arte, os ideais e ideias. Coloca a mediação cultural como importante meio de exercício, para que as pessoas se tornem atuantes e retirando o espectador do modo passivo. Propõe a mediação cultural como um meio possível de instigar a memória e conhecer as histórias das

peças. A participante estabelece quatro pontos importantes para uma experiência significativa: diálogo, encontro, saberes e troca.



Imagem 16 – Mapa mental da participante Gabriela, 2022.  
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Imagem 17 – Mapa mental da participante Quetlin, 2022.  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A participante Quetlin, desenvolveu seu mapa mental (Imagem 17) destacando a mediação cultural no centro e as palavras, público, **improviso**, local, organização e educação como palavras-chave que envolvem o entorno. A participante coloca que ao trabalhar com mediação cultural, envolve também a educação. Sua colocação traz outra reflexão a respeito dos espaços educacionais, pois a contribuição destes locais colabora para que as crianças conheçam e explorem a arte, por meio das propostas recebidas.

Não ficou claro, se ao mencionar propostas recebidas, a participante se refere a projetos externos, proporcionados pelas leis de incentivo à cultura, dos quais, muitas vezes estes locais são escolhidos para a realização das propostas ou se são as propostas que o setor educativo ou mediadores culturais desenvolvem. De qualquer modo, estes espaços podem ser voltados a ações educativas, que visam a transmissão e posteriormente a transformação de informações em conhecimento, auxiliando seus públicos na exploração e ampliação sobre a arte e outras áreas a fins. Já o mapa mental da participante Sandra (Imagem 18) traz de forma direta, algumas das palavras utilizadas na elaboração das questões enviadas aos participantes. No mapa aparecem palavras-chave de cada questão e são enumeradas conforme as mesmas. No item 5, intitulado como troca de experiências, a participante relatou o encontro semanal com o núcleo educativo, dedicados aos feedbacks, planejamentos, capacitações, além da participação em grupos de estudos, laboratório de pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos. Diferentemente da participante Cândida que relatou sentir falta de momentos para essas trocas. No item 3, a pergunta norteadora levanta questionamento sobre os olhares e se os olhares podem ser formados. A participante relata que sim, e acrescenta outras palavras, como, provocados, questionados, mediados, direcionados, desafiados, confrontados, despertados, desconstruídos, experimentados e ampliados. No item 4, as concepções de arte e educação que a instituição e respectivamente a mediadora participante utilizam como referencial teórico são documentos oficiais, como plano museológico.

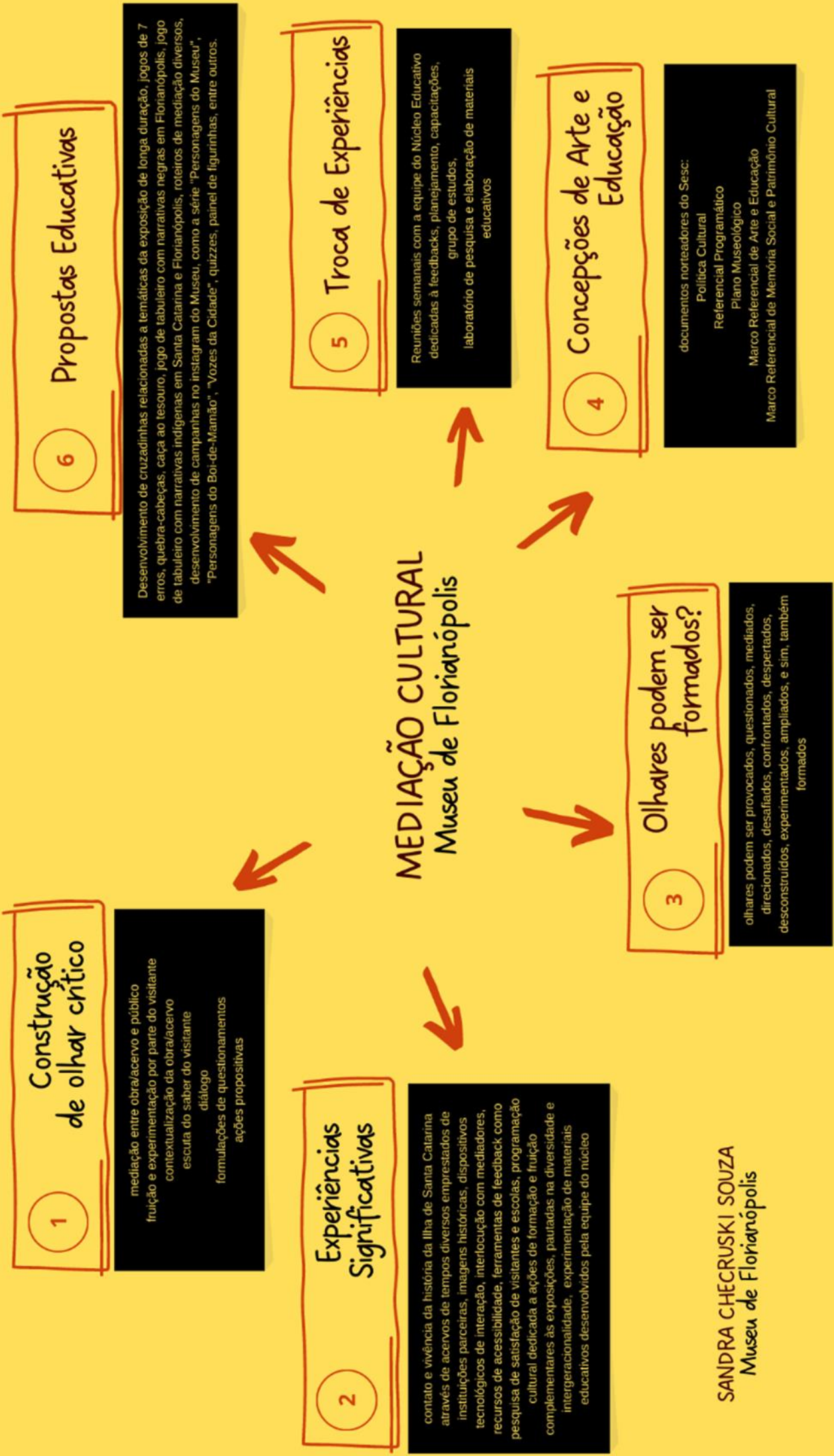


Imagem 18 – Mapa mental da participante Sandra, 2022.  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

*Fragmento VII:*

Gosto de propor a arte como uma área de conhecimento, nesse sentido ela mostra-se na generosidade, na medida em que a aproximação e o entendimento estão ao alcance dos estudos e não de uma suposta genialidade colocada para a figura do artista. A concepção de educação empregada nas mediações apoia-se no entendimento de uma educação integrada, em consonância com a BNCC, apesar das diferenças entre educação formal e informal. Nela as importâncias não se dão somente no cognitivo ou aspectos acadêmicos, perpassa o reconhecimento do corpo como parte integrante no processo de conhecimento, seu bem-estar, suas emoções e as relações disso com o mundo e seus instantes.

*Fragmento VIII:*

Tudo é possível com o envolvimento adequado. Para a formação desses olhares, o arte educador tem que estar atento e aberto à diferença. A repetição dos percursos na exposição e dos discursos sobre os trabalhos são caminhos que podem levar a uma padronização das vivências oferecidas, minando as possibilidades de construções para diferentes olhares, sejam sensíveis e críticos etc. Cada ser atua na sua diferença, valorizar este fator amplia as possibilidades de pertencimento, com consequência um possível envolvimento dos públicos no museu, na arte e no limite com a própria vida.

O participante Marcelo, não realizou o mapa mental, mas respondeu as questões em formato de texto. Sua resposta (Fragmento VII) para a quarta pergunta nos mostra de que forma as concepções de arte e educação são tratadas na instituição em que trabalha. A arte é tratada como uma área de conhecimento e a educação é baseada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mesmo que não esteja ligada à educação formal, os aspectos presentes nestes documentos norteadores, podem servir como base teórica para instituições culturais e museais. Reflete também sobre a suposta genialidade do artista. Algumas pessoas ainda consideram os artistas como gênios, e suas produções como obras primas e isso faz com que o público visitante olhe para a arte como algo inalcançável e muitas vezes até incompreensível.

Isso pode ocasionar o afastamento do público, pois os visitantes sem formação na área podem se considerar inaptos para o entendimento da arte, como se na arte existisse somente o certo e o errado. Outro ponto importante, no qual o participante Marcelo faz referência, é a **padronização do discurso** pelo mediador. Ao responder à questão três (Fragmento VIII), ele menciona impedimentos para a construção de olhares e isso me fez refletir. Durante o período em que venho atuando como mediadora cultural do Museu da Infância, elaborei previamente um roteiro, no qual rememoro algumas informações importantes das peças do acervo. Mesmo assim, conforme a mediação vai acontecendo, muitas vezes é necessário algumas adaptações e improvisos, pois todo público é diferente um do outro. Mas o que de fato me chamou atenção na resposta do participante e o que me fez questionar e que pode ser algo importante, é sobre as informações dos grupos que participam das mediações. Será que as instituições armazenam as informações dos grupos visitantes? No MI,

os visitantes solicitam a visita mediada, por meio do formulário *google*, que é impresso, armazenado, e a cada semestre, atualizado e inserido no relatório semestral. É por meio dessas informações que elaboramos diferentes vivências aos visitantes. Os mediadores e os setores educativos podem propor diferentes meios para captar essas informações, que são imprescindíveis para a realização de vivências significativas e não cair na padronização. Visto que, o público pode ir mais de uma vez no mesmo local, e este realizar as mesmas propostas, impossibilitando a construção de diferentes olhares.

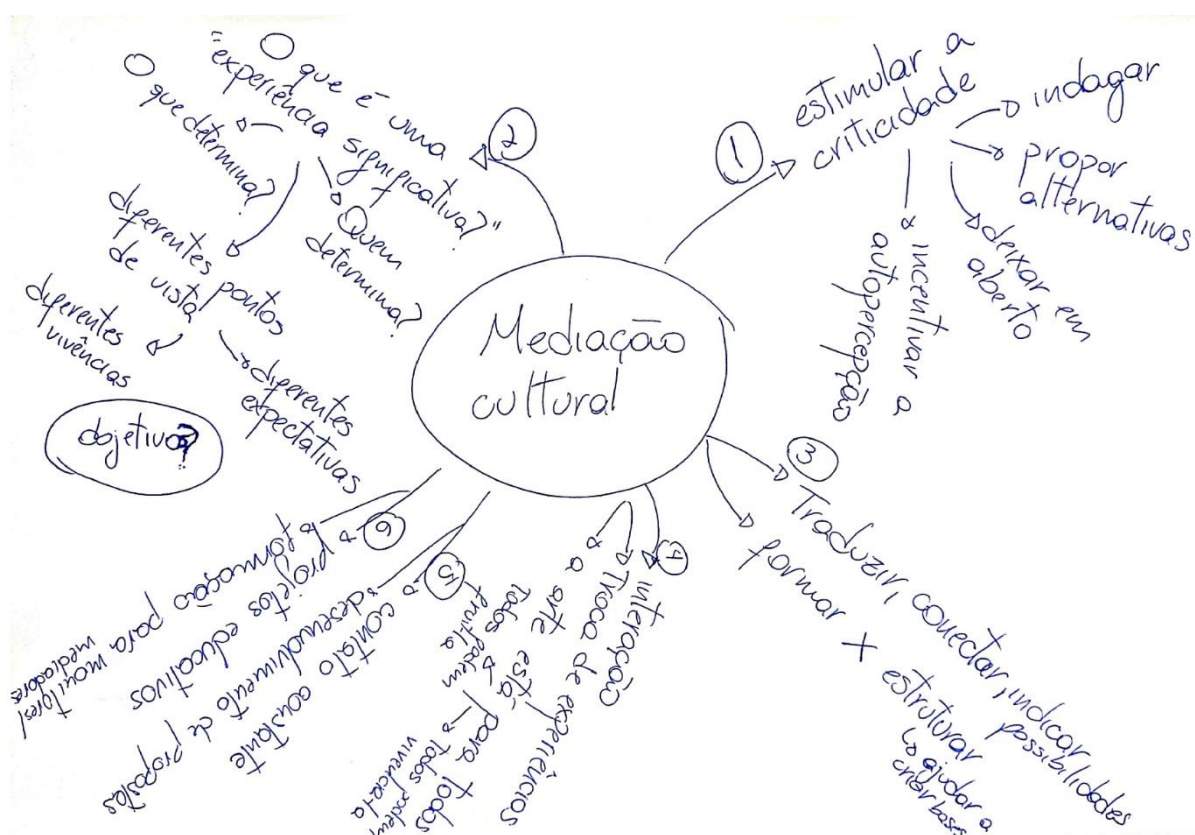


Imagem 19 – Mapa mental da participante Nadia, 2022.  
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O mapa mental da participante Nadia (Imagem 19), foi desenvolvido de forma manual e traz diferentes ramificações para as palavras mediação cultural, localizadas no centro. Suas colocações completam as dos demais participantes, mais a afirmação que desejo destacar é, **a arte está para todos, todos podem fruí-la, todos podem vivenciá-la**. De fato, a arte é para todos, mas será que todos tem oportunidade de acessá-la? Nas comunidades em maior vulnerabilidade social, em que a educação possui grande fragilidade, os estudantes muitas vezes não têm a oportunidade de visitar um museu, uma galeria, equipamento cultural etc. E os motivos são diversos,

envolvendo principalmente, a questão financeira. O transporte público da prefeitura, nem sempre está disponível para a realização de visitas culturais, e dessa forma, são prejudicados, pois a oportunidade de contato direto a estas instituições são anuladas. Contudo, vimos que projetos culturais desenvolvidos por instituições museais e de arte podem alcançar as comunidades com menor acesso e são essenciais para que as mesmas tenham acesso à cultura e arte. As leis de incentivo à cultura são imprescindíveis para oportunizar esses encontros, tão ricos!

Nessa direção, Martins (2014, p. 259) destaca que o acesso cultural possibilita:

Desde os primeiros mediadores que ofereceram encontros com a arte, sejam os pais, os avós, os tios, os professores, entre outros, o acesso cultural espelha políticas culturais e educacionais e as oportunidades que a vida oferece. Acreditar e lutar pelo acesso cultural abre espaços para experiências estéticas que se interligam com a percepção, pois, até independentemente do mediador, a arte e a cultura são mediadores por si mesmos.

Podemos perceber a potência que esses espaços possuem na formação do sujeito, oportunizando vivências que podem passar a se tornarem experiências, colaborando com a construção do olhar, um olhar crítico e sensível. A luta constante na área cultural e artística busca cada vez mais proporcionar o acesso a todos os públicos, favorecendo aqueles que não costumam frequentar estes espaços e fazendo com que se sintam acolhidos e parte desses lugares, porque realmente são!

# 5

## **PROJETO DE CURSO - Mediação Cultural: Inter-relações entre Arte, Cultura e Público**

5.1 EMENTA: Mediação Cultural como ação potencializadora na formação de sujeitos críticos e sensíveis. Ações educativas práticas e instigadoras, relacionadas às visitas mediadas. O papel do(a) professor(a) nas mediações dentro e fora da sala de aula.

5.2 CARGA HORÁRIA: 20h

5.3 PÚBLICO-ALVO: professores das redes de ensino públicas, privadas e mediadores de arte e cultura de museus e demais equipamentos culturais.

5.4 NÚMERO DE VAGAS: 20

5.5 JUSTIFICATIVA: No Extremo Sul Catarinense observamos os poucos espaços físicos existentes e específicos, que contribuem para a difusão da Cultura e Arte. Com a desvalorização destas áreas e o veto de leis de incentivo à cultura, alguns equipamentos culturais fecharam suas portas, principalmente após a COVID-19. A Pandemia prejudicou instituições e artistas que utilizavam dos projetos aprovados nas leis para trabalhar e desenvolver iniciativas culturais e artísticas. Além de afetar diretamente as instituições, artistas e trabalhadores, a diminuição de projetos culturais e artísticos afeta também a população, que tem acesso de forma gratuita às propostas. Como consequência, as instituições que se mantêm, sobrevivem com poucos funcionários, dos quais, muitas vezes exercem mais de uma função. Os profissionais que desenvolvem a mediação cultural, não possuem formação específica, até porque ainda não existe na região, mas seu papel é fundamental, pois conforme o discurso ou discursos utilizados, a mediação pode ser potencializadora. Contudo a mediação atravessa as paredes das instituições culturais e está presente em diversos locais e em diferentes relações, dentro ou fora dos espaços artístico-culturais e das escolas.

Consideramos que a ação mediadora não se dá apenas com boas propostas; também se dá com materiais educativos, com objetos propositores, com um bom site, com uma boa formação dos educadores que atuam, com uma equipe acolhedora, envolvendo desde o profissional que atende os telefonemas para agendamento. Dá-se em cada visita e conversa, essas que aproximam ou afastam os visitantes. E na escola, do mesmo modo, cabe ao professor favorecer acesso cultural, construir curadorias educativas que ampliem o repertório de seus alunos oferecendo acesso não só à arte, mas também ao patrimônio cultural. Encontros capazes de contaminar os alunos como seres da cultura? (MARTINS, 2014, p. 261)

Foi a partir dessas reflexões que surgiu a proposta da roda de conversa sobre **“Mediação Cultural: Inter-Relações Entre Arte, Cultura e Público”**. Com o objetivo de levantar questionamentos relacionados à mediação cultural afetiva e seus desdobramentos na formação estética do sujeito e relações entre arte e educação.

Pensada para ocorrer estrategicamente nas cidades de Criciúma, Araranguá, Sombrio e Jacinto Machado, ambas localizadas na região sul de Santa Catarina, poderá ser ampliada para outros contextos e territórios. Nestas cidades, existem poucos espaços voltados à cultura e à arte, sendo assim faz-se necessário proporcionar meios para que professores(as) e mediadores(as) desenvolvam suas atividades conforme os espaços existentes e acessíveis à população. O intento é possibilitar estratégias para o desenvolvimento institucional, colaborando com o ensino da arte e a formação de sujeitos críticos e sensíveis.

Para desenvolver os diálogos sobre mediação cultural, será apresentado como referencial teórico os quatro discursos institucionais da mediação e educação em museus: afirmação, reprodução, desconstrução e transformação, desenvolvidos pela pesquisadora e professora alemã Carmen Mörsch (2016). É imprescindível que os participantes compreendam e diferenciem os quatro discursos, pois assim serão capazes de desenvolvê-los. O discurso afirmativo entende a arte como campo especializado, para pessoas que frequentemente visitam espaços de cultura e arte e as ações são realizadas por especialistas da área de arte. Já o discurso reprodutivo busca educar o público de amanhã, ou seja, aqueles que não frequentam as instituições culturais, procurando ações que introduzam estas pessoas à arte. O discurso desconstrutivo tem intenção de examinar criticamente as instituições, juntamente com seu público. Por outro lado, o discurso transformador busca expandir a instituição expositiva e constituí-la politicamente, transformando-a em agentes de mudança social.

Os quatro discursos não devem ser considerados, em termos de distintos níveis de desenvolvimento, de acordo com as categorias hierárquicas ou histórico-cronológicas escritas. Na prática, várias versões destes discursos operam simultaneamente na mediação e educação em museus. (MÖRSCH, 2016, p. 5)

Os discursos podem ser atravessados um pelo outro, por esse motivo, é importante saber diferenciá-los. Os participantes da roda de conversa terão acesso a propostas de ações educativas potencializadoras para a formação dos sujeitos

(estudantes/visitantes) críticos e sensíveis. Será proposto uma prática no encontro, para ser realizada em grupos. Os participantes devem escolher um equipamento cultural da região e desenvolver uma ação educativa para ser realizada após uma visita mediada. O exercício da prática tem por objetivo a reflexão e o diálogo, fazendo com que pensem a respeito do local, das propostas que já existem e das possibilidades ainda não exploradas, ampliando assim, as concepções de mediação cultural, ação educativa, arte e educação.

## 5.6 OBJETIVOS

### 5.6.1 Objetivo Geral

Refletir sobre a relevância da mediação cultural afetiva na formação estética dos sujeitos estabelecendo relações entre a arte e a educação.

### 5.6.2 Objetivos Específicos

- Propiciar reflexões sobre os espaços de cultura e arte e as possíveis relações com o ensino da arte.
- Promover a mediação cultural como possibilidade de ampliação do repertório artístico e cultural, bem como, seus desdobramentos nas escolas e na disciplina de Artes;
- Experimentar a mediação cultural por meio de exercícios práticos.

## 5.7 CRONOGRAMA:

Encontro	Local	Temas	Carga Horária
1	Criciúma	Mediação Cultural; Ação Educativa; Discursos institucionais sobre mediação e educação em museus. Relações entre Arte, Cultura e Público.	5h
2	Araranguá	Mediação Cultural; Ação Educativa; Discursos institucionais sobre mediação e educação em museus. Relações entre Arte, Cultura e Público.	5h
3	Sombrio	Mediação Cultural; Ação Educativa; Discursos institucionais sobre mediação e educação em museus. Relações entre Arte, Cultura e Público.	5h

4	Jacinto Machado	Mediação Cultural; Ação Educativa; Discursos institucionais sobre mediação e educação em museus. Relações entre Arte, Cultura e Público.	5h
---	-----------------	--	----

## 5.8 METODOLOGIA DOS ENCONTROS

**1° momento:** Apresentação da mediação cultural conforme os quatros discursos institucionais sobre mediação e educação em museus, dos quais são: afirmativo, reprodutivo, desconstrutivo e transformador, desenvolvido pela pesquisadora e professora alemã Carmen Mörsch.

**2° momento:** O que posso fazer antes de visitar um equipamento cultural? Apresentação e diálogo sobre pontos importantes a serem realizados antecipadamente à visita e que contribuem para apreciação e fruição estética dos visitantes e estudantes.

**3° momento:** Apresentação de ações educativas instigadoras e conexões com o ensino da arte.

**4° momento:** Em grupo, os participantes devem escolher um equipamento cultural da região e desenvolver uma ação educativa relacionada a visita mediada.

**5° momento:** Diálogo, reflexões e possíveis desdobramentos sobre as propostas. Encerramento do encontro.

## 5.9 INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Infraestrutura física:

- Sala ou auditório;
- Cadeiras.

Recursos:

- Projetor multimídia;

## 6 O INÍCIO, O FIM E O MEIO<sup>35</sup>

Assim como as borboletas e outros insetos existentes em minhas produções artísticas e memórias afetivas, presentes no decorrer do texto, por meio de registros fotográfico, dos quais vêm se desenvolvendo por metamorfoses incompletas e que renovam seus ciclos diariamente, chegamos ao que pode ser o início, o fim e o meio. Certamente não sou a mesma pessoa, do que quando iniciei esta pesquisa. Seria injusto da minha parte, considerar o fim, e ao mesmo tempo não sei onde me encontro, no início ou no meio? Ao longo dos meses em que me debrucei a escrever, pesquisar, levantar e compreender questionamentos, percebi o quanto ainda estou me transformando e como os desdobramentos referentes a pesquisa estão me afetando, principalmente quando envolvem a mediação cultural. O afeto e carinho no qual sinto pela mediação cultural impulsionou minhas inquietações e observações acerca da mediação cultural, e isso proporcionou reflexões sobre a importância de realizar a **mediação cultural** de forma **afetiva**.

As experiências que passaram por mim, atravessaram concepções predefinidas, formadas pelas “bagagens”, construíram meu olhar sensível, crítico e pensante. Contudo, era necessário proporcionar a outras pessoas este sentimento de afeto a qual, busquei contemplar nesta escrita. Olhar com carinho o ser humano que está ao seu lado e que busca, muitas vezes, em uma mediação cultural, compreender, conhecer, experienciar, vivenciar, momentos dos quais os encontros e trocas de diálogos podem proporcionar.

Espaços de cultura e arte são potentes equipamentos culturais, que por meio de mediações culturais, mediadoras(es) e ações educativas podem construir o olhar do sujeito, de forma sensível e crítica. Assim como nas mediações culturais, as escolas, professores e professoras possuem poder de tornar as informações em experiências, ao propiciar encontros com estes espaços. A partir disso, relações são estabelecidas e a inserção dos estudantes nos espaços podem torná-los um público frequente. O mesmo público pode “contaminar” outras pessoas com o “vírus estético” e ampliar a frequência e quantidade de visitação. Saber quem são os públicos é fundamental para o estabelecimento de vínculos e importantes para o

---

<sup>35</sup> Referência ao trecho da letra da música Gita, composta por Raul Santos Seixas e Paulo Coelho Souza, em 1974. Para saber mais, acesse: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48312/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

desenvolvimento de propostas para quem não frequenta, mantendo assim públicos fortes e potentes.

Os participantes do grupo focal, buscaram estabelecer relações de vínculo afetivo, a partir de diferentes estratégias, entre elas o diálogo. Conhecer quem são, de onde vieram, quais seus objetivos e o que esperam da visita, são alguns dos pontos a serem pensados para a realização de uma mediação cultural afetiva. A produção dos mapas mentais evidenciou o estabelecimento destas relações afetivas, além de proporcionar aos participantes reflexões acerca das funções que exercem e que muitas vezes não dialogam entre pessoas que realizam a mesma função, por serem os únicos responsáveis pela prática da mediação cultural na instituição. Acredito que o método em grupo focal, foi de total relevância para consolidar a teoria da pesquisa e sua prática, emergindo experiências e diálogos espontâneos e únicos.

Ao refletir sobre o problema de pesquisa: **de que modo a mediação cultural nos espaços de Arte e Cultura podem contribuir na formação de sujeitos críticos e sensíveis?** Sustentado pelos objetivos específicos: compreender a relevância do mediador no processo de formação de olhares sensíveis e críticos; discutir as concepções de arte e educação que estão presentes no campo da mediação cultural em instituições de arte e cultura; analisar a noção de mediação cultural e seus possíveis desdobramentos, por meio de grupo focal com mediadores de instituições culturais, percebo que foi possível esclarecer alguns pontos de inter-relações entre Mediação Cultural, Arte e Cultura, tanto nas suas funções, quanto nas ações e potências ao encontro da formação de sujeitos críticos e sensíveis.

Contudo, alguns fatores são independentes e não são padrões a serem seguidos, desse modo fica a critério da Coordenação e do Setor Educativo escolher quais discursos compreendem como significativos para alcançar a missão da instituição, por meio das mediações culturais e ações educativas. Este fator pode ser compreendido como algo bom, ou ruim, pois se não for pensada por pessoas capacitadas, é provável que as informações não se tornem experiências e assim os sujeitos terão mais dificuldades no desenvolvimento de olhares críticos e sensíveis.

Compreendo que os mediadores culturais seguem as normas das instituições e que nem sempre podem exercer os discursos desconstrutivos e transformadores, por mais que esta seja a sua vontade. É fundamental que as instituições museais abram espaços de diálogos entre mediadores, público e demais

colaboradores e que todos, em conjunto, participem da constituição das ações educativas.

Considero o grupo focal, como um importante instrumento metodológico para a constituição desta pesquisa, da qual é baseada na valorização da experiência e na potência de transformação cultural do sujeito.

Somos seres únicos e com “bagagens”, mas precisamos acima de tudo, estar abertos a passar por transformações, somente assim, mediadoras(es) e professoras(es) serão capazes de proporcionar que informações se transformem em experiências.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 18 ago. 2020.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CAMNITZER, Luis. Ni Arte Ni Educación. In: Grupo De Educación Matadero Madrid. **Ni arte ni educación: uma experiencia em la que lo pedagógico vertebra lo artístico**. Madrid: Catarata, 2016. Disponível em: <http://www.niartenieducacion.com/project/textos/>. Acesso em: 07 de set. de 2022.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 205 p.

GATTI, Bernardete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005. 75p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Experiências estéticas e linguagens artísticas: inquietudes e experiências estéticas para a educação**. TV Escola: o canal da educação. 2010, p. 22-27. Disponível em: [https://www.academia.edu/3410813/Inquietudes\\_e\\_experi%C3%AAncias\\_est%C3%A9ticas\\_para\\_a\\_educa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/3410813/Inquietudes_e_experi%C3%AAncias_est%C3%A9ticas_para_a_educa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 26 ago. 2022.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista Gearte**, V.1, N.2. Porto Alegre: 2014, 248-264. Disponível em: [https://www.mirianceleste.com.br/\\_files/ugd/7ee6db\\_3177f810afb941a69537c122aa205d86.pdf](https://www.mirianceleste.com.br/_files/ugd/7ee6db_3177f810afb941a69537c122aa205d86.pdf). Acesso em: 07 de set. 2022.

MARTINS, Mirian Celeste. Verbete: MEDIAÇÃO. In: **Caderno da política nacional de educação museal – PNEM**. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 84-88. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 11 de set. de 2022.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Intermeios, 2012. 161 p.

MARTINS, Mirian Celeste. **O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar**. 1993. Disponível em: [https://www.mirianceleste.com.br/\\_files/ugd/7ee6db\\_b6739a03e84a4c9c9aa4fb5342253e34.pdf](https://www.mirianceleste.com.br/_files/ugd/7ee6db_b6739a03e84a4c9c9aa4fb5342253e34.pdf). Acesso em: 14 de set. de 2022.

MÖRSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos mediação e educação na documenta 12: entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação. Tradução: Mônica Hoff. **Periódico Permanente**, n. 6, p. 1-32, fev. 2016. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao>>. Acesso em: 10 de set. de 2022.

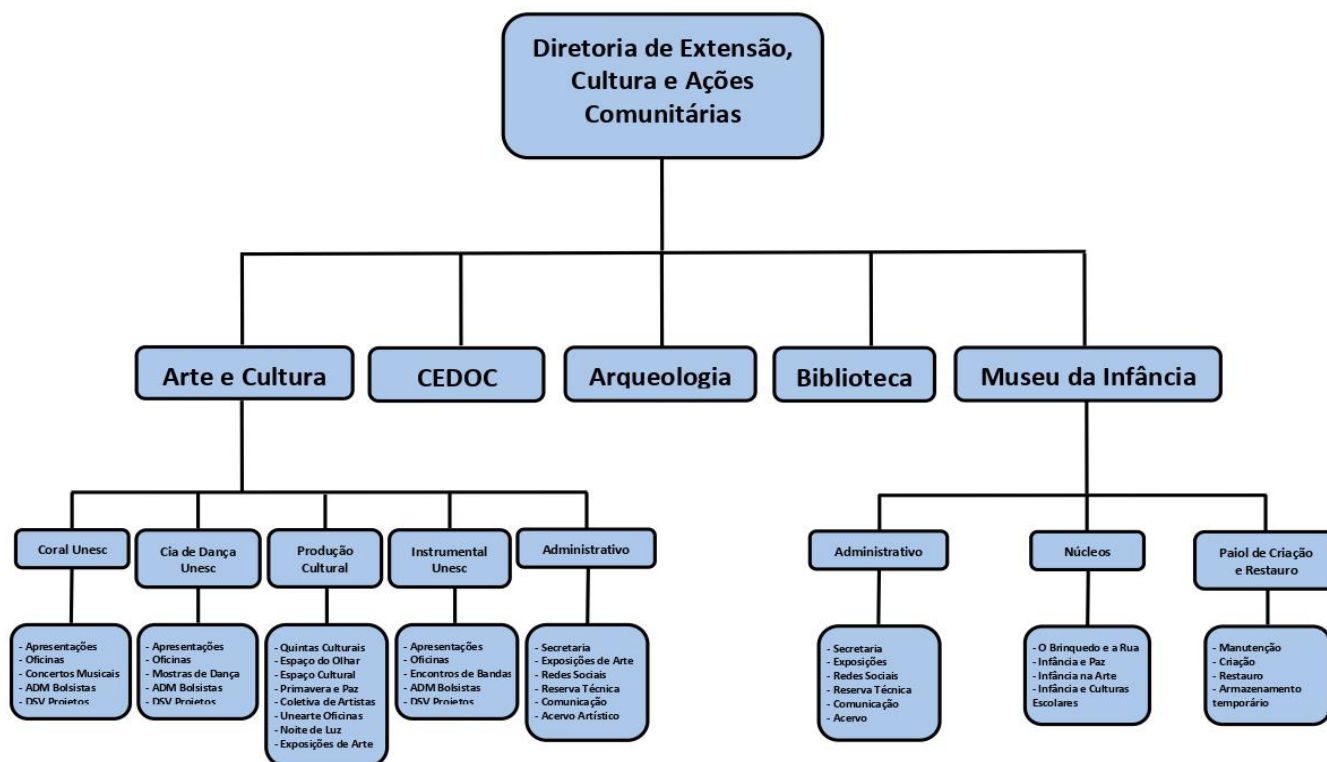
PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. **Mapas mentais aprenda a expressar suas ideias de forma inteligente**. São Paulo: Expressa, 2021, p. 17. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558110255/epubcfi/6/14%5B%3Bvnd.vst.idref%3Dmiolo3.xhtml%5D!/4>. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

SANTANA, Pio. A mediação no museu e os resultados na sala de aula. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009, p. 261-268.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2007.

## ANEXOS

## ANEXO A – ORGANOGRAMA SETORIAL



Fonte: UNESCO – Museu da Infância, 2020.

## ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO NOME, DA IMAGEM E DA VOZ

21/10/2022 19:43

Grupo Focal

### Grupo Focal

#### TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO NOME, DA IMAGEM E DA VOZ

Pesquisa de TCC: Mediação Cultural Afetiva: Arte, Educação e a Construção do Olhar

Pesquisadora: Aline Delavechia Rodrigues (48) 99669-3474

Orientador da Pesquisa: Marcelo Feldhaus (48) 99619-0594

---

**\*Obrigatório**

1. Nome Completo \*

---

2. Nome Fictício (caso desejar manter sigilo)

---

3. Nacionalidade \*

---

4. Estado Civil \*

---

5. CPF Nº \*

---

6. RG Nº \*

---

7. Endereço (Rua/Cidade/Estado) \*

---

21/10/2022 19:43

Grupo Focal

8. Autorizo o uso do meu nome, da minha imagem e de minha voz/relato para fins \*  
divulgação da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica  
Aline Delavechia Rodrigues do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc,  
sem qualquer restrição de prazo e a título gratuito.

*Marque todas que se aplicam.*

SIM

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## ANEXO C – ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL

**Pesquisa:** Mediação Cultural Afetiva: Arte, Educação e a Construção Do Olhar

**Pesquisadora:** Aline Delavechia Rodrigues

**Coordenador da Pesquisa:** Prof. Dr. Marcelo Feldhaus

- Apresentação: meu nome é Aline, sou acadêmica de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, de Criciúma/SC. Atualmente trabalho no Museu da Infância, na mesma instituição, como assistente administrativa e mediadora cultural.
- Agradecimento pela presença das mediadoras e mediadores.
- Comunicado aos participantes que o encontro será gravado, para fins de pesquisa e solicito o consentimento oral do uso de nome, imagem e de voz.
- Envio link do formulário com o “Termo de Cessão de Direito de Uso do Nome, da Imagem e da Voz”.
- Apresentação da pesquisa: o título da pesquisa é “Mediação Cultural Afetiva: Arte, Educação e a Construção do Olhar”, com base na investigação bibliográfica e de campo, a partir do desenvolvimento de um grupo focal, envolvendo discussões que problematizam a relevância da mediação cultural na construção de novas perspectivas entre a arte e o público.
- Esclarecimento: A metodologia do grupo focal é muito utilizada no campo da pesquisa em ciências sociais e humanas, por ser um instrumento de investigação para levantamento de dados que os outros meios, como observação, entrevista e questionário não são possíveis de captar. A técnica consiste em trocas de experiências em grupos que têm algo em comum, que no nosso caso são: mediadoras de cultura e arte.
- Breve apresentação das mediadoras: nome, função e instituição.
- Após, peça que escrevam 5 palavras sobre o que consideram importantes em uma mediação cultural e assim criaremos uma nuvem de palavras on-line usando o Mentimeter (a ideia da nuvem de palavras e transformar essas palavras em algo visível);
- A partir dessas cinco palavras iremos dialogar, buscando ouvir a opinião do outro a respeito.

- Agora 3 palavras que representem as características de um bom mediador cultural em seu ponto de vista;
- A partir destas palavras iniciaremos um diálogo, buscando falar sobre todas elas;
- Após esse período de diálogo, irei levantar mais alguns questionamentos que norteiam a minha pesquisa e entre cada pergunta, teremos um tempo para que reflitam e se expressem.
- A partir das experiências como mediadoras(es), cada participante criará um mapa mental (manual ou digital) respondendo as questões a seguir:
  1. É possível relacionar a mediação cultural em exposições de arte com a construção de um olhar crítico e sensível no público visitante?
  2. O público que visita exposições de arte e cultura, está vivenciando experiências significativas nas propostas de mediação cultural?
  3. Os mediadores são responsáveis por exercícios formadores de olhares sensíveis e críticos? É possível que os olhares sejam formados?
  4. Que concepções de arte e educação estão presentes nas propostas de mediação cultural em exposições artísticas?
  5. Nas instituições que atuam, existem espaços para troca de experiências entre os mediadores e o núcleo educativo?
  6. Existem propostas de práticas relacionadas às mediações? Quais?
- Apresentação de exemplos de mapas mentais (a importância da criação do mapa mental está ligada às conexões que as participantes realizaram entre as palavras). Para criar o mapa mental, o participante pode escolher entre fazer manuscrito ou utilizando meios digitais. Combinamos a entrega para uma semana após o encontro, tempo suficiente para pensar a respeito.
- Reflexões finais e encerramento do encontro.